



*Abel
Glaser*

**Minha
vida em ~
Gestação**

pelo Espírito Caio Mário

CASA EDITORA
O CLARIM

Minha vida em gestação

Abel Glaser, pelo Caio Mário

Minha vida em gestação

Matão, SP

5ª edição

2014

CASA EDITORA

O CLARIM

Copyright © 1995 by

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

4ª edição: agosto/2014

Impresso no formato 14x21 cm

ISBN 85-7357-011-3

1ª edição: 1995

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

www.oclarim.com.br | oclarim@oclarim.com.br

www.facebook.com/casaeditoraoclarim

Capa e projeto gráfico: Equipe O Clarim

Revisão: Enéas Rodrigues Marques

Catálogo na Publicação (CIP)

G548c Glaser, Abel

Minha vida em gestação / Caio Mário, [psicografado por] Abel Glaser. – 5. ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2014.

144p.; 21 cm

ISBN 85-7357-011-3

1. Espiritismo. 2. Romance mediúnico. 3. Romance. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

Agradecemos a Thais Montenegro Chinelatto pela revisão literária da primeira edição.

Apresentação

A maioria dos trechos narrados nesta obra pude pessoalmente vivenciar.

O Espírito, quando está em processo de reencarnação, em muitos casos, mantém a sua consciência e guarda em sua memória espiritual os momentos marcantes pelos quais passa.

Esse é um aspecto fundamental para o encarnado compreender bem o significado da formação da vida e dos atos de amor que os pais devem transmitir aos filhos durante os meses gestacionais.

Mantendo-se ativo, desprendendo-se algumas vezes do corpo físico que está sendo formado, o Espírito pode trabalhar no plano espiritual e muitas vezes tem permissão do Alto para estar ao lado de seus pais e familiares, acompanhando e influenciando em suas decisões.

Logicamente, Espíritos que vivenciam um reencarne compulsório ficam adormecidos e sem consciência ao longo da gestação, embora sejam extremamente sensíveis ao amor e carinho que recebem de seus pais.

Desde a fecundação até o início do nono mês, o reencarnante pode ter noção do que está ocorrendo no mundo material. Durante o processo do nascimento, pode momentaneamente perder a consciência plena do que está acontecendo e, nesse caso, acumula experiências e memórias em seu âmago as quais somente podem ser despertadas num processo de memorização específico, feito após o seu desencarne, em uma cidade espiritual. Assim, algumas narrativas de meu nascimento, apesar de serem retratos fiéis do

que ocorreu, foram-me relatadas por mentores queridos que estavam ao meu lado nessa ocasião. Muitas de minhas experiências foram, em especial, lembradas por meu estimado Müller, mentor que seguiu meus passos durante toda a minha passagem pela materialidade.

Agradeço a Cairbar Schutel a oportunidade que me foi concedida de retratar nesta obra uma parcela considerável de minha *vida em gestação* e também de outros importantes momentos que vivenciei quando encarnado. Sinto-me dignificado em poder colaborar com o enaltecimento à vida, em especial numa época crucial que o mundo material atravessa, quando os encarnados devem buscar a plena conscientização do valor da concepção e da integral impropriedade de uma interrupção provocada da gestação.

Continuo lutando pelo meu aperfeiçoamento espiritual e trabalho confiante na seara de nosso amado Jesus.

Sou grato ao Plano Superior por ter um dia vivido, no mundo físico, ao lado de meus queridos Lúcia e Adamastor, pais que jamais vou esquecer e que, atualmente, exercem também suas atividades no plano da verdadeira vida.

Agradeço a Deus ter-me sido oferecida esta oportunidade de contribuir com a divulgação de mensagem contida no Evangelho de Jesus, ajudando na elaboração das linhas que compõem *Minha Vida em Gestação*.

Muito amor.

Caio Mário

Prefácio

Esta obra, da série de livros programados por Cairbar Schutel, dirigente espiritual da colônia Alvorada Nova, destinada tanto ao público infantojuvenil quanto aos adultos, foi carinhosamente composta pelas palavras singelas e penetrantes de uma *criança-espiritual*.

Narrada na primeira pessoa do singular, direta, objetiva, em tom jovial e de conteúdo ímpar, representa para todos nós uma lição de como exercitar em sua plenitude o sublime sentimento *amor*.

Minha Vida em Geração espelha a beleza especial de uma vida em desenvolvimento, mas também - e acima de tudo - simboliza a dádiva divina na geração, ofertada a inúmeros encarnados, embora por vezes mal compreendida e injustiçada.

O *Grupo de Estudos Cairbar Schutel* iniciou a coleta de dados deste livro no dia 22 de julho de 1992 e o método utilizado foi o da psicografia.

A narrativa é feita pelo Espírito Caio Mário, enviado especialmente por Cairbar Schutel para, sob sua supervisão direta, compor esta obra. Companheiro de muitos anos de trabalho e atendendo com satisfação ao pedido do dirigente de Alvorada Nova, colocou-se prontamente à disposição para realizar essa atividade com o Grupo de Estudos.

O livro trata da última reencarnação de Caio Mário, que poderemos acompanhar nos seus momentos mais marcantes. A maior parte da obra diz respeito à sua vida em geração, ao longo dos nove meses que passou no

útero de sua mãe, retratando não somente as suas próprias experiências, mas também a de seus pais e familiares mais próximos.

As cenas narradas têm a ótica de uma criança, porque Caio Mário esteve reencarnado pouco mais de uma década em sua última jornada na Crosta e é esse o período abrangido pela obra. No último capítulo, o autor espiritual, apesar de estar tratando de sua vida em gestação, transporta o leitor do nascimento ao seu nono aniversário e, em seguida, aos meses que precederam a sua partida do mundo físico, buscando transmitir que a gestação lhe foi um período tão importante quanto os demais anos de sua jornada material.

Atualmente, trabalha em Alvorada Nova, na Casa da Criança, sob a forma infantil, exercendo fundamental atividade na distribuição de amor e no trato com os desencarnados em tenra idade. Por tais razões, apesar das lições doutrinárias de extrema importância que estas linhas contém, o discurso é jovial e descontraído, como se realmente fosse uma *história contada por uma criança*.

Além desse abnegado trabalho, Caio Mário também se apresenta como *adulto*, conforme o local que vai visitar. Sob essa aparência ele normalmente se mostra àqueles que são reticentes em aceitar a forma espiritual infantil. Como *criança*, no entanto, ele mantém os seus conhecimentos e o seu esclarecimento, identificando-se dessa forma àqueles que aceitam a beleza infantojuvenil existente na Espiritualidade.

Ele percorre o mundo material ao lado de outros mentores da Cidade Espiritual. Para cada local que se dirige apresenta-se com uma forma diferenciada, atendendo sempre às peculiaridades regionais. Deseja assemelhar-se ao grupo social que visita e, para isso, usa a *Pousada Celeste*¹, unidade de Alvorada Nova que auxilia o Espírito a essa mudança.

Para cada grupo de crianças, adolescentes e mesmo de adultos, cujo ambiente frequenta no plano físico, utiliza uma forma específica.

É importante que o encarnado conheça a importância da atividade de crianças no mundo espiritual. É conveniente saber que há preconceitos indevidos no trato com esses abnegados trabalhadores, que se dispõem a atuar sob a aparência infantil.

Na realidade, a rejeição de muitos encarnados a essa forma de apresentação advém do fato de que alguns adultos - médiuns atuantes por vezes - acreditam que não há aprendizado algum a ser extraído das palavras de um Espírito que se apresenta como uma *criança*. Eles creem, ainda, que os encarnados, durante a infância, servem somente para ser educados e nada têm a ensinar aos adultos de positivo, o que não deixa de ser uma atitude preconceituosa e discriminatória.

O belo lado infantil e inocente da vida humana, em verdade, tem muito a ensinar aos adultos: amar e simplificar a forma de viver, como a criança faz, poucos encarnados conseguem realizar quando atingem a maturidade material.²

Não se deve confundir a ingenuidade apresentada pelas crianças espirituais, ao transmitirem mensagens aos encarnados, com o mau uso dessa imagem, às vezes utilizada por obsessores na tentativa de extrair alguma vantagem indevida em reuniões mediúnicas sérias ou mesmo visando conturbar o ambiente do encontro dos médiuns. O Espírito que trabalha sob a forma infantil está condicionado a não proferir gracejos inconvenientes, jocosidade infundada e, acima de tudo, jamais deverá proferir palavras de baixo calão. Estando bem intencionado, o Espírito criança que se manifesta é disciplinado, segue tais regras e respeita a seriedade dos trabalhos mediúnicos, não se valendo, jamais, dessa sua

forma inocente para transmitir mensagens antidoutrinárias ou para conturbar os trabalhos.

Pode haver, de fato, exageros por parte de entidades que se aproveitam da boa-fé de médiuns invigilantes para confundir as atividades dos demais, através de manifestações com nítido conteúdo negativo. Para evitar esse resultado - que também pode ocorrer nas mensagens transmitidas por Espíritos inferiores que se mostram sob a forma adulta - é preciso que o médium exerça a fiscalização que lhe é cabível sobre a comunicação, enquanto os demais medianeiros devem analisar o tipo de mensagem passada. Não é somente porque se manifesta sob a forma infantil que irá o comunicante transmitir orientações sem nexos ou proferir palavras indesejáveis e perturbadoras.

Mentores que dão comunicação sob a forma de criança manifestam-se com calma e tranquilidade, trazendo ternura a todos os presentes e lembrando-lhes o lado ingênuo e puro dos sentimentos que os adultos também possuem. É sempre uma mensagem positiva.

Caio Mário, após o seu desencarne em tenra idade, retornou à colônia de Cairbar e desejou continuar sob a forma infantil para auxiliar inúmeras crianças em todo o mundo, ligadas a Alvorada Nova, necessitando para tanto de uma apresentação perispiritual em consonância com a tarefa que passou a desempenhar. Quando, eventualmente, alguns médiuns rejeitam essa forma, ele converte o seu perispírito ao contorno adulto, passando a ser respeitado e transmitindo a mensagem que o Alto programou.

O texto apresentado por esse mensageiro de Cairbar Schutel enaltece a importância da vida no útero materno.

Todos vivenciamos isso em nossas existências materiais. A relevância invulgar dessa fase que dá início ao processo de reencarnação e a função

primordial da *organização familiar* não podem ser esquecidas. Esta obra pretende enfatizar que os laços existentes na família material diretamente ligada começam no ventre da gestante. O Espírito, nesse processo de retorno ao plano material, reconhece seus pais desde a concepção e com eles convive, necessitando deles receber amor.

A Humanidade precisa acatar a magnitude da *vida em gestação* e necessita estar preparada para aceitar, com amor, esse renascer em uma vida material. Assim, quaisquer preconceitos ou atos discriminatórios manifestados contra uma gestação devem ceder espaço ante a beleza divina da fecundação. Não importam os atributos ou a condição social da mãe, nem mesmo o seu estado civil. Deve-se sempre apoiá-la e respeitá-la, incentivando-a a cultivar com ternura o seu estado gestacional. Esse processo de reencarnação que a mulher está proporcionando a outro Espírito é vital para a evolução de muitos e, por tal razão, deve ser sempre bem aceito.

Não há maravilha maior no mundo do que a procriação da espécie. A maternidade e a paternidade podem unir inimigos do passado sob o mesmo teto familiar, possibilitando benéficas reconciliações, na maioria dos casos. Antigos algozes tornam-se filhos de suas vítimas e por elas são amados, advindo daí o perdão mútuo por erros do pretérito. Ofendidos e ofensores unem-se como irmãos, filhos de um mesmo casal, para progredirem juntos na jornada material. O núcleo familiar é o berço do renascimento do Espírito. A pureza do ato gestacional sublima o ser. O contato explosivo de amor e esperança que se constrói no exato momento da fecundação é insuperável no mundo físico. A resplandecência da corrida do espermatozoide rumo ao seu destino - o óvulo - é a conquista do primeiro troféu da nova existência que o Espírito está abraçando.

Reproduzir a vida, por delegação de Deus, representa uma responsabilidade ímpar para cada mãe e para cada pai. Será que nós, encarnados, já possuímos a exata noção do que isso significa? Será que já estamos maduros e conscientizados o suficiente para entender a real importância da maternidade e da paternidade? Será que estamos preparados a dedicar parcela considerável de nossas vidas aos nossos filhos? Será que a resignação, o desprendimento e o amor já podem penetrar no coração de cada adulto no momento em que ele recebe a notícia de uma gravidez, da expectativa do recebimento de uma nova vida? Que será do mundo material se os seus habitantes não forem capazes de perceber o significado e a essência que a Vida deposita na vida? Qual será o rumo do planeta se os *abortos* não forem evitados, cessando a agressão dos homens contra um Ato Divino? Como esperar a *regeneração do orbe* se não estivermos todos unidos em prol da vida no rumo ao terceiro milênio? Essas são indagações que as linhas escritas por Caio Mário pretendem responder, trazendo-nos alento e esperança, amor e sustentação, para que consigamos entender o valor da vida e por ela estejamos prontos a lutar em todos os momentos e locais em que estivermos ao longo de nossa jornada material.

Da mesma forma que nas obras anteriores, não sou o criador deste trabalho, ocupando tão somente a função de coordenador na sua organização. Caio Mário é o seu efetivo autor, sob a orientação direta de Cairbar Schutel, nosso diretor espiritual comum.

São Paulo, 13 de abril de 1993.

Abel Glaser

¹ Ver o capítulo “A descrição de nossa árvore - VI - Casa da Criança” no livro *Alvorada Nova*, pág. 144.

² Ver o capítulo XI - “A Criança na Espiritualidade”, no livro *Conversando sobre Mediunidade - Retratos de Alvorada Nova*.

Minha retumbante chegada

Eram oito horas de uma manhã límpida do inverno de São Paulo. Parecia até um contrassenso que tivéssemos um céu tão azul... Mas, naquele dia, estava realmente azul o teto paulista. As pessoas apressadas corriam de um lado para o outro, atravessando esbaforidas as largas avenidas que cortavam toda a metrópole e digladiando com os carros, estes sim os verdadeiros donos da rua. O sol brilhava intenso e esquentava o coração de todos, dos mais irritados aos mais dóceis habitantes da cidade da garoa.

Apesar das dificuldades, os paulistanos eram calorosos e jamais se cansavam de enaltecer as qualidades dessa metrópole brasileira. Pode-se dizer, até hoje, sem chance de erro: não há nada melhor para diagnosticar São Paulo do que olhar para sua gente no alvorecer de uma segunda-feira ou, talvez, no findar de uma sexta: atinge-se o ápice do mau humor. Não todos, é lógico... mas a maioria. Meu futuro pai estava dentre estes últimos. Pasmem! E eu, um pouco imprevidente, assumi a responsabilidade, sem nem mesmo ter carteira de habilitação, de retirar o carro de meu querido Adamastor da garagem e obrigá-lo a levar mamãe à maternidade. Resolvi nascer... Que horas? Por volta das seis horas da manhã...

- Seis horas da madrugada! De uma segunda-feira! Somente o seu filho poderia escolher uma hora como esta para nascer. Por que não ontem? Um calmo domingo, ruas vazias, sem trânsito... E sua mãe? Você já avisou sua mãe? Ah, meu Deus! Não está nada pronto! Vamos nos atrasar e esta

*criança vai nascer no meio do caminho. Provavelmente, com a minha sorte, seremos socorridos por uma viatura policial e eu, em agradecimento, terei que escolher seus ocupantes como padrinhos de **meu primeiro filho**... Você consegue ver a cena que eu estou vendo? Não, não é possível! Somente comigo essas coisas acontecem. Você tem ideia da multa que eu poderei levar se atravessar algum sinal vermelho? E se houver uma colisão? Espero estar perto do hospital... **LÚCIA, LÚCIA!** Por caridade, apronte-se! Já estourou sua bolsa **há cinco minutos**... Essa criança vai nascer aqui, agora, no meio da nossa sala. Você mandou a Lourdes limpar a sala? **LÚCIA, LÚC...***

- Calma Tor, fique calmo! Não há razão para tanto alarde. Deixe de lado esses seus pensamentos negativos, pois estamos protegidos e nossos Amigos Espirituais irão conduzir-nos até a maternidade. Nada de mal irá acontecer. Além disso, o médico nos avisou que o fato da bolsa estourar não significa nascimento imediato. Minhas contrações sequer começaram. Tenha paciência! Vou ligar para mamãe.

Esse era o meu querido papai. Adamastor sempre foi assim: preocupado e tenso. Até parece que eu iria me dar o luxo de nascer em plena sala de visitas. Não, jamais! Esse local eu reservava para minhas futuras travessuras.

A adorada Lúcia era o oposto de Adamastor. Calma, tranquila, quase a materialização da paciência em pessoa. Ela conversou comigo durante nove meses e eu estava sossegado. Ia nascer convicto de estar vindo para o lugar certo. Entretanto, tinha um pouco de remorso. Esqueci de alertá-la que eu seria terrível: buliçoso e traquina! Melhor assim. Talvez, se ela soubesse, não estaria tão tranquila, servindo para acalmar Adamastor.

Mas, estou fugindo ao ponto principal. Contava que estávamos numa linda manhã ensolarada do inverno paulista. Era o meu dia! Meu pai, tenso, atormentava a família toda. Eram seis horas da manhã e o aviso de minha chegada fazia-se sentir. Vovó Emília foi acordada às pressas por Lúcia, sob gritos apreensivos de meu pai, que exigia sua presença imediata no hospital. Parecia até que ela iria substituir o médico no momento do parto... Experiente, no entanto, vovó jamais cedia ao imediatismo e ao desassossego do genro. Que sogra não seguiria os sábios passos de vovó Emília?

Papai queria toda a família na maternidade. Afinal, era o evento do ano! Bem, sou obrigado a reconhecer: nesse ponto ele tinha razão!

Enquanto conto essa jornada inicial de uma data histórica (o meu nascimento), duas horas já passaram apressadas. Acredito que meu pai nem notou, pois do contrário estaria ainda mais irritado.

- Lúcia, meu amor, agora é tarde, não vai haver tempo e a criança vai nascer. Não iremos conseguir vencer esse trânsito confuso para chegar a salvo no hospital. E sua mãe, já foi avisada, ela já está no hospital?

- Adamastor, a depender da sua ansiedade e minha mãe já teria dormido na maternidade, provavelmente internada com problemas cardíacos. Acalme-se, pois estou terminando de arrumar a mala.

*- Não, não é possível! Você deixou para o **último momento** a arrumação das malas? (...) Não estou passando bem, acho que vou desmaiar. Essa ansiedade está me liquidando.*

Convenhamos, esse meu nascimento tinha tudo para transformar-se numa *inesquecível* aventura! Mas, não há razão para tantas preocupações! Na verdade, estava tudo sob controle. Eu chegaria na hora exata, nem antes,

nem depois. Se meu pai soubesse disso, teria poupado uma enorme carga de aborrecimentos a si mesmo.

Às oito horas, saímos de casa a fim de enfrentar São Paulo e seu trânsito, pois as contrações de minha mãe intensificaram-se. Ela também passou a acreditar que eu estava chegando. No percurso, meu pai transpirou, suou e ressumou! Mamãe manteve-se serena ao longo do caminho e não se abalou com as bruscas variações de humor de Adamastor. Vez ou outra ela chegou a lembrá-lo que as dificuldades estavam apenas começando e seria prematuro ficar nervoso. Realmente, mamãe estava certa! Enfrentar os obstáculos que temos pela frente com calma e resignação é a melhor arma para ultrapassá-los com sucesso.

Lá íamos nós, sedentos por um sinal verde no semáforo e confiantes no discernimento inconsciente dos motoristas que haveriam de sensibilizar-se com aquele instante maternal e luzidio, dando-nos passagem. O carro de papai, se perispírito possuísse, já estaria plasmado na forma de uma ambulância, com suas sirenes estridentes ligadas ao volume máximo, cortando as vias públicas como uma flecha, subindo nas calçadas e, até, sendo escoltado por batedores da polícia, todos com reluzentes motocicletas, vestindo roupa de gala e furando o trânsito como verdadeiros salvadores de uma causa quase perdida. Que imaginação eu tinha! Nada disso aconteceu. Afinal, o trânsito não estava tão ruim e havia tempo para chegarmos com segurança à maternidade.

Chegamos sãos e salvos! À porta, uma linda enfermeira já nos aguardava com uma maca. Em vez de sossegar, Adamastor - pobre dele - piorou.

- Lúcia, a situação é gravíssima. Veja, já nos aguardam com uma maca. Acho que não será tão fácil quanto o Dr. Marcelo nos falou. Você está se

sentindo bem? Eu detesto hospitais. Lembrem-me momentos de dor e morte. Vamos voltar. Talvez seja melhor seguirmos o conselho daquela sua amiga Neide e você poderá dar à luz em casa.

- Pelo amor de Deus, Adamastor! Nunca o vi falando tanta bobagem. A enfermeira está nos aguardando porque mamãe pediu. Ela achou que iria tranquilizá-lo, pois teríamos assistência médica tão logo chegássemos.

- Ah, logo vi! Sua mãe! Dona Emília sempre me tira a calma. Aliás, quem lhe pediu ajuda? O que ela veio fazer aqui? O bebê nem nasceu e ela já está dando as cartas. Não é possível...

- Meu amor, você mesmo exigiu, às seis horas da manhã, que eu ligasse para ela, pedindo-lhe que viesse à maternidade preparar a nossa internação. Lembra-se?

- Eeeeu? Absolutamente! Nego com veemência esta sua afirmação. Como eu poderia acordar sua mãe para atormentá-la com algo tão banal como um parto? Jamais faria isso.

Mamãe, acostumada e apaixonada, relevou outra vez essas oportunistas *amnésias* de Adamastor. Partiram para a sala de parto. Entraram. O médico chegou e fez um exame clínico. O olhar apreensivo de meu pai seguia todos os menores gestos do Dr. Marcelo e acompanhava cada palpitar do coração de mamãe, auscultado naquele momento pelo estetoscópio. Nada! Essa a conclusão médica. Haveriam de aguardar até o momento certo. Eu bem que avisei! O dia estava apenas começando.

Na sala de espera, Adamastor contou os minutos mais depressa que o próprio relógio. Além do mais, essa situação não era nem um pouco surpreendente, afinal, toda sala de espera de maternidade possui um lento e pesaroso relógio de parede, que incomoda a todos os ansiosos pais. A luta entre os ponteiros do tempo e as horas computadas pelo espírito de

Adamastor tornou-se célebre. A cada minuto, um dos funcionários do hospital era interrompido contundentemente em seus afazeres para que papai perguntasse as horas, alegando estar definitivamente quebrado o relógio da sala onde se encontrava. A tal ponto foi o desespero geral que os funcionários da administração resolveram fechar o guichê de atendimento cerca de quinze minutos antes da hora tão logo avistaram Adamastor deixando o âmbito da sala de espera e vindo em sua direção.

Vovó Emília tentou contemporizar e ofereceu-se para dar uma volta com meu pai, enquanto vovô Ernesto, a essa altura, já cochilava no sofá. Apesar da irritação de Adamastor, ela compreendia a sua tensão e transmitia-lhe carinho e sustentação.

- Deixe a ansiedade de lado, Adamastor. Vamos comer alguma coisa. O restaurante do hospital é muito bom.

- Ora, Dona Emília, a senhora acha que eu poderei deixar minha esposa num momento tão delicado e importante como este para pensar em comer? Vou ficar aqui até o bebê nascer.

Vovó não insistiu. Conhecia bem a teimosia de papai. Deixou-o sozinho e caminhou ao restaurante da maternidade, onde encontraria tia Vera e meus primos, Vinícius e Cláudio. A família começava a chegar. Era bom. Acredito que a expectativa de todos incentivou-me a nascer. As contrações de Lúcia reiniciaram. Por volta de quatro horas da tarde, no entanto, papai estava multicolorido. Seus olhos estavam fundos e vermelhos, porque não dormiu a noite toda. O rosto misturava um tom esbranquiçado com um verde-abacate, já que fazia muitas horas que ele estava em completo jejum. A ponta dos dedos era amarela, tantos foram os cigarros que ele trago. As pontas das orelhas estavam róseas. Toda vez que ele ficava nervoso isso acontecia. Mamãe sempre contou que se apaixonou pelo tom rosa das

orelhas de papai. Via nisso uma particularidade especial naquele que escolhera para trilhar com ela os caminhos de sua jornada terrena. Eu, na verdade, sei que é apenas uma desculpa. Ela gostava de papai todinho e não só das orelhas.

Oito horas da noite! Saímos de casa há doze horas. Vovó Emília não se conteve e externou sua opinião sincera:

- Adamastor do céu! Faz horas que você caminha de um lado para o outro. Se o seu nervosismo adiantasse, a esta altura eu já teria sido avó umas seis vezes.

A gargalhada foi contagiante e geral. Os parentes, reunidos na sala de espera, acompanhando o desespero de papai precisavam de uma oportunidade para descontração. Essa foi a decisiva participação de Dona Emília. Primos, avós, amigos e alguns colegas de papai tiveram contrações, em lugar de mamãe, ao gargalhar por alguns minutos.

Eram dez horas da noite e já caminhávamos para o dia seguinte. Eu fiquei um pouco preocupado. Como poderia nascer *amanhã*? Afinal, o meu dia histórico era aquele.

Onze e trinta. Agora as contrações são contínuas e mamãe é levada às pressas para a sala de parto. Eu estava chegando. Mentores espirituais locomoviam-se de um lado para o outro, prestando auxílio à equipe médica material. Sentia-me seguro, tantos eram os médicos que estavam ao nosso lado. Papai foi informado. Quando pretendia entrar em desespero, vovó Emília interrompeu-lhe os passos e ditou:

- Vamos todos orar. O momento chegou e nossos Amigos Espirituais irão auxiliar o nascimento de meu querido netinho. Se você quiser - e eu acho que você deve - participe conosco, Adamastor. Do contrário, deixemos a sós por alguns minutos. Estaremos em vibração.

Dessa vez, até o ceticismo e a incredulidade de papai com o mundo espiritual cederam espaço. Ele precisava mesmo de um alento. Seus nervos estavam esfrangalhados. A prece teve início. Toda a família de mamãe era espírita e tinha nas obras de Allan Kardec o seu principal orientador. Por um ardid do destino, casara-se ela com um materialista convicto, cuja família, rica e tradicional, rejeitava a religiosidade de todo ser humano. Acreditavam que o início e o fim do homem, de um modo geral, se dava na Crosta. E ponto final! Mal sabiam eles de onde eu estava vindo. A mim, não importava. Eu deveria contar a eles tudo o que sabia. Essa era parte de minha missão.

Pouco a pouco, conduzido pelo amor de Lúcia, senti-me encorajado a vir ao mundo. Cedi ao meu sono, espreguicei e, como um soldado convicto, coloquei-me em marcha. Sentia o coração de mamãe impulsionar o meu e nos entrelaçávamos num só batimento espiritual. As contrações aumentaram a níveis insuportáveis para minha indolência. Sabia que iria ser despejado dali a qualquer momento e resolvi colaborar. Minutos depois, coloquei minha cabeça para fora e não consegui mais conter a pressão de meu corpo. Estava do lado de lá! A emoção foi enorme e as luzes da sala cegaram-me por segundos. Comecei a chorar, afinal, ninguém é de ferro. Por insistência de mamãe - que eu aprovei de imediato - fui colocado a seu lado por algum tempo. Senti o calor do seu corpo material de um ângulo diferente. Suas mãos suaves deslizaram sobre mim e eu resolvi dar uma trégua. Parei de chorar. Aquele foi o instante mais belo de toda minha existência. Jamais perdoaria mamãe se não tivesse ido para seus braços naquele difícil momento para mim. Acho até que orei inconscientemente a Deus, agradecendo aquela dádiva.

A alegria durou pouco. Uma enfermeira arbitrária - no meu entender - retirou-me do colinho de Lúcia, enrolou-me numa toalha felpuda e esterilizada, mas não menos áspera, levando-me dali. Sem poder reagir a contento, iniciei, de novo, meu protesto. Acho que, dessa vez, meu choro ecoou por todo o prédio do hospital. Pronto, estava dado o meu recado. Quando quisessem pensar em me afastar de mamãe outra vez, sabiam que iriam enfrentar resistência. Após alguns cuidados iniciais, lá estava eu exposto numa vitrine da maternidade, meio sem graça, sendo observado por olhares curiosos e emocionados. Papai viu seu queixo literalmente cair.

Que trajeto até agora! Resolvi descansar um pouco. Dormi muito tempo com mamãe e aquela seria a primeira vez que estaríamos separados após longa convivência diária. Corajoso, entretanto, fiz uma manhã previsível e, acalentado por uma enfermeira acostumada a cenas de protesto como aquela que eu protagonizava, terminei cedendo aos impulsos da carne, adormecendo. Estava, contudo, muito feliz. Minha história estava só começando!

Decidindo minha concepção

Estávamos todos reunidos na verde Praça da República, sob o coreto que tocava ansioso por aplausos e agradecido por nossa presença. Os raios do sol daquele entardecer de um dos mais belos domingos de maio brilhavam fulgurantes por toda a cidade, mas, em especial, desciam em detalhes no encontro sonoro dos pratos de um dos integrantes da banda, espalhando o seu reflexo nos olhos do atento público, que retirava seus óculos escuros dos bolsos ou colocava suas mãos sobre a testa, formando uma redoma protetora.

Eu estava deslumbrado! Aquela marchinha era a minha preferida. A arte popular extinguia-se pouco a pouco nas ruas de São Paulo, mas eu, entusiasta que era, desde cedo, aplaudia e incentivava aqueles artistas anônimos que alegravam outros tantos desconhecidos.

Adamastor conversava com Lúcia sobre um importante tema: ter ou não filhos? Ah, aquela conversa me deixava, de fato, angustiado. Temia não ser bem-vindo. E se eles decidissem adiar aquela decisão indefinidamente? O que eu faria sem papai e sem mamãe? Eu sabia que precisava reencarnar ao lado deles, pois tínhamos uma importante trajetória a seguir. Estava decidido a ensinar-lhes o que havia aprendido e disposto também a auferir com eles outros conhecimentos. Aprender nunca é demais e ensinar faz parte de nossa existência. Apesar de sentir meu coração apertado, tinha

plena noção que meus pais deveriam passar por aquela conversa. Afinal, cabe a cada casal decidir o momento certo para a concepção de um filho.

Ali estava eu, envolvido em uma das mais importantes decisões de minha vida e sem poder interferir. Como Espírito, ainda, eu acompanhava de perto os passos de minha querida Lúcia, que um dia seria minha mãe no plano material. Aproximei-me dela e ponderei-lhe, num sopro intuitivo, a minha ansiedade para logo estar em seus braços, reencarnado. Acho que ela me ouviu, pois seus olhos encheram-se de suaves lágrimas, que lhe escorreram pela frente até atingir os lábios. Depois, ela franziu a testa e olhou para Adamastor, que parecia estar irredutível. Ele não queria filhos.

- Meu amor, você sabe que não suporto vê-la chorar. Não poderei discutir assunto tão sério se não pudermos evitar a emoção. Veja meu ponto de vista a respeito. Pondero-lhe com argumentos irrefutáveis... Agora não é o momento.

Eu fiquei um pouco apreensivo e, confesso, tive um estranho ímpeto de fazer-me presente para mostrar-lhe que aqueles “argumentos irrefutáveis” poderiam ser rebatidos um a um. Eram apenas motivações materialistas. Outra vez me aproximei de Lúcia e tentei sussurrar-lhe alguns pontos de vista que representavam o meu lado da questão. Lá íamos nós de novo.

- Mas Tor, tudo aquilo que você elencou são fundamentos materialistas... Nenhum deles guarda a menor razoabilidade em face das leis de Deus. Nosso amor merece maior consolidação. Não podemos deixar de ter filhos em nome do conforto material e para gozar uma vida egoísta, dedicada somente a nós mesmos.

Inacreditável! Ela me ouviu e repetiu tudo aquilo que eu lhe dissera por intuição. Fiquei extasiado e quase não me continha de tanta alegria. Alguém (pelo menos uma das partes necessárias para o caso) estava ao meu lado.

Senti-me seguro: 50% da questão estava ganha. O maior problema, no entanto, seria vencer a resistência de Adamastor.

- *Lucinha, meu bem! Eu desejo ter um filho também. Casei-me com você pensando nisso. Entretanto, acho prematuro em nossa vida a existência de uma criança. Ainda não viajamos o suficiente e só uma única vez estivemos na Europa... Era nossa lua de mel. A Flávia e o Juca já conhecem quase o mundo todo: duas vezes na Europa e uma nos Estados Unidos. Além disso, estamos em vias de fechar negócio para adquirir nossa casa própria. Pense bem, Lúcia! Uma criança poderia nos trazer problemas econômicos.*

- *Adamastor, eu nem posso acreditar no que estou ouvindo. Desde quando o objetivo de um casamento é “viajar pelo mundo”? Desde quando uma criança, em nossas vidas, será suficiente para trazer-nos “problemas econômicos”? Pensemos no amor com que um filho pode brindar-nos e não em nossa conta bancária.*

- *Ora, Lúcia, quem irá nos dar sustento, senão a tal conta bancária?*

- *Conta essa que você quer usar para viajar pelo mundo afora. Eu não posso trocar meu filho por uma ou duas viagens.*

- *Mas, meu amor, você tem coragem de me dizer que não gosta de conhecer lugares novos, viajando?*

- *Não se trata disso, Adamastor. Um filho é uma continuidade de nossas existências. A finalidade do casamento é construir um lar, uma família, ter e criar filhos, possibilitando a oportunidade de renascimento de muitos Espíritos endividados. Viajar é apenas uma face do lazer, que jamais poderá influenciar em decisão tão importante quanto esta.*

- *Não podemos discutir envolvendo religião. Seus argumentos são emocionais ou religiosos. Assim não é possível! Que me importam os “tais*

Espíritos que estão aguardando” se eu estou falando de dinheiro, que é um lado lógico e racional...

- Adamastor. Ouça-me! Eu estou apenas dizendo que eu prefiro ter uma criança a viajar pelo mundo. Se nós tivermos condições financeiras para patrocinar essas viagens, teremos com muito mais razão para termos o nosso filho. Não é assim? Nós vivemos bem e temos conforto suficiente. Há muitos semelhantes nossos que mal conseguem comer uma única vez ao dia. É lógico que eu também gosto de viajar e viver bem. Quero também comprar a nossa casa. Porém, nada disso é mais importante do que aumentarmos a nossa família.

Grande mamãe! Seus argumentos eram irrefutáveis. Sentia-me tão feliz que me aproximei, dando-lhe um abraço. Ela estremeceu.

- Sinto-me estranha. Meu coração está palpitando mais forte. Que poderá ser isso?

- Está vendo! Você fica muito emocionada quando discutimos a respeito de termos ou não filhos. Não quero mais contrariá-la. Concordo com sua argumentação. Vamos programar o bebê.

- Tor, meu amor, fico muito feliz com sua decisão. A propósito, eu gostaria de ter uns três ou quatro filhos. Acho tão bonito uma família grande.

- Lucinha, eu acabei de concordar em ter o primeiro filho e você já está falando em “três ou quatro”? Assim não dá.

- Mas o nosso filhinho irá sentir-se muito só se não tiver irmãos. Eu, por exemplo, não saberia viver sem minhas irmãs. Não abro mão de ter quatro filhos. Talvez até cinco...ou seis.

- Está bem! Depois discutiremos a esse respeito. Por ora, um filho e não se fala mais nisso, está bem?

- Sinto-me tão bem neste momento. Talvez já esteja envolvida pelo Espírito que irá reencarnar como nosso filho...

- Deixe de falar bobagens, Lúcia. Isso não existe.

Como não existe? - pensava eu. Estava realmente ali, ao lado de minha futura mamãe, com minha passagem de ida assegurada. Agora era só embarcar... Cá entre nós, eu sabia que Adamastor não iria resistir àqueles argumentos de mamãe. Afinal, ele era materialista, mas tinha um bom coração.

Essa decisão tão importante que os pais tomam a respeito da vinda de cada um de seus filhos tem diferentes ângulos. Cada casal pondera e enumera os prós e contras, respeitando o estilo e o padrão de vida que possui. Assim, o momento da chegada do primeiro e dos demais descendentes é diferente para cada um.

Entretanto, muitos se esquecem do real objetivo da família e preferem uma solitária convivência a dois, recusando-se a ter filhos. A descendência não significa somente ter herdeiros, representando muito mais que isso. Conceber uma criança é proporcionar a um Espírito uma nova oportunidade de estágio no plano material, permitindo-lhe, portanto, prosseguir em sua evolução. O progresso dos seres depende de passagens pela matéria e pela espiritualidade, ciclicamente. Nesse campo, não se pode ser egoísta, afinal, todos aqueles que estão reencarnados foram recebidos um dia por um casal.

A cadeia de reencarnações que envolve um determinado Espírito depende da decisão de cada família na Crosta em ter filhos e criá-los com amor e dedicação. Interromper esse ciclo em nome de interesses materialistas, colocando o prazer e o conforto em primeiro lugar não é a decisão mais acertada. Decidir o momento da chegada de um filho é ato de extrema importância para todo casal. Decidir, por sua vez, a favor da vida e

pela concepção significa estar preparado para vivenciar o sentido da união familiar na sua totalidade.

Adamastor era apegado aos bens materiais e assim tinha sido criado pelos seus pais. Lúcia, no entanto, foi educada sob o carinho de vovó Emília e vovô Augusto, que lhe instruíram a respeito da importância de estarem os valores espirituais em primeiro lugar.

Para vovó Estela e vovô Rubens, descendentes eram importantes para dar sequência ao nome e à linhagem da família, bem como para herdar o patrimônio acumulado ao longo dos anos pelo casal. Papai foi criado assim. Facilitou-lhe o desenvolvimento do egoísmo e da falta de vontade em pensar no próximo.

Esta seria uma de minhas principais tarefas: conquistar o amor de meu pai e poder-lhe ensinar que a vida proporciona outras importantes alegrias, além do gozo de bens materiais.

Alguns outros pais preocupam-se com suas carreiras profissionais e, antes de terem seus filhos, querem estar estabilizados economicamente. Embora seja fundamental, na Crosta, os bens materiais para a sobrevivência, não são estes que devem determinar o caminho a seguir no que concerne à decisão de conceber um filho. Pode-se aguardar o melhor momento para essa fundamental decisão, mas não se deve deixar de tomá-la. Afinal, a profissão não é um fim em si mesma. Ela serve ao encarnado para a construção de um mundo melhor, cada um na sua área de atuação, porém sem deixar de lado o importante aspecto da reforma íntima. Logo, papais e mães, ocupados com seus trabalhos, devem ceder um pouco na sua rigidez profissional e abraçar a oportunidade de acrescentar à sua família uma ou mais crianças, que possam acender e cultivar o amor,

aprendendo e ensinando e, com isso, dando continuidade à escalada evolutiva que todos temos a enfrentar ao longo de nossas existências.

Naquele dia, a Praça da República pareceu-me mais bela que nunca e acompanhei emocionado o pôr do sol, certo de que, em breve tempo, eu estaria retornando à vida no plano físico, tão necessária para o nosso verdadeiro alvorecer espiritual.

O início do meu processo de reencarne

A praia do Gonzaga, em Santos, abrigava um romântico cenário descrito por intenso luar prateado espelhado nas calmas águas do mar. Somente as ondas chegando à praia eram capazes de provocar uma ligeira perturbação na calmaria que volteava Adamastor e Lúcia, sentados à beira da rebentação. A noite estava quente e abafada, típica do verão litorâneo. O casal namorava de mãos dadas, feliz e sereno, acompanhando o vagar lento das horas. Estrelas no céu resplandeciam um azul cristalino e belo, formando uma cúpula majestosa ao circundar o horizonte longínquo do oceano.

Eu estava por perto, naturalmente. Ansioso e com esperança de que aquele seria o grande dia, pois o cenário era de um romantismo perfeito para a minha concepção.

Todos que se preparam para o processo de reencarne aguardam ser recebidos num ambiente de muito amor, pois a vibração positiva dos pais inaugura favoravelmente uma nova fase na vida do filho que está por vir. Alguns companheiros, como eu o faria, têm a oportunidade de acompanhar, emocionados, a junção biológica do espermatozoide com o óvulo, ligando-se, de modo consciente, ao corpo que se forma, entrelaçando-se, desde logo, com seus pais.

Quando percebi que Adamastor estava beijando Lúcia, voltei a cabeça um pouco para o lado, fingindo acompanhar ao longe uma garota que

saltitava pela praia com seu pequeno *Poodle*, mas somente com o propósito de permitir-lhes um momento apaixonado sem plateia.

Naquela noite, quando retornaram ao apartamento, os dois deixaram-se levar pelo amor que os unia profundamente e ali estava eu, a posto, pronto a assumir o meu lugar. Algum tempo depois, uma equipe de Alvorada Nova aproximou-se e alertou-me para a aproximação do instante conceutivo. Acalmei-me e recebi um passe magnetizante de um médico da colônia, que ali estava para assessorar-me. Aos poucos, ondas vibratórias preencheram-me o coração e terminei adormecendo por alguns momentos.

Quando me recuperei, já estava unido ao embrião que se formara no ventre de Lúcia, após a corrida dos 200 a 300 milhões de espermatozoides em busca do óvulo, minúsculas partículas movidas pela Força Divina! Agradei a Deus estar obtendo tanta graça. Um médico, outra vez, aproximou-se e disse:

- Vou adormecê-lo, agora, por algum tempo. Preciso cuidar de sua formação genética que se está desenvolvendo. Quando despertar, você estará bem próximo de seus pais.

Aquiesci prontamente. Sabia ser importante esse processo de adormecimento para dar à equipe do Departamento de Reencarnação maior mobilidade em seu trabalho. Desliguei-me, portanto, por um período que não saberia precisar, mas que foi útil ao meu corpo material.

Aos poucos comecei o processo de reabertura de minha visão e as imagens foram-se descortinando à minha frente. Notei que estava ligado a Lúcia por laços tênues mas muito brilhantes, tais como ligamentos prateados cintilantes que me conduziam ao ventre de mamãe. Imediatamente controlei minhas emoções, pois sentia-me inclinado a chorar de felicidade e alegria, prejudicando, talvez, a minha compreensão.

Vislumbrei, ao meu lado, o mentor que fora designado a acompanhar-me durante meu estágio na Crosta. Ele se apresentou:

- Sou Müller, o seu mentor. Lembra-se de nossos encontros, antes da sua ligação ao invólucro carnal?

Minha memória, nesse momento, estava um pouco atordoada com a mudança súbita de posicionamento.

- Não me é estranho, meu amigo. Creio que já o conheço de fato.

Paciente, ele envolveu-me em um passe reconfortante e eu senti as minhas lembranças despertando. O processo de reencarnação, quando de Espíritos mais esclarecidos, pode ser feito de forma consciente, sem necessidade do adormecimento da entidade durante a gestação.

Olhei para os lados e percebi a presença de Lúcia e Adamastor, dormindo. Constatei o recente laço que me unia ao corpo de mamãe. Senti uma agradável sensação de segurança, pois tinha sido bem recebido. Durante alguns minutos de reflexão, terminei identificando o meu querido mentor. Era Müller, companheiro que sempre esteve ao meu lado por muitos anos, dando-me apoio e orientação.

- Meu bom amigo, agora me lembro de você. Fico feliz em vê-lo aqui.

- Venho para encorajá-lo e para fortalecer esse reinício que você está enfrentando. O processo de gestação é um sublime período para que o filho integre-se com seus pais. Conheça a sua futura família e acompanhe o desenvolvimento de seu corpo material com emoção e esperança. Aqueles que não desfrutam dessa oportunidade, em face dos reencarnes compulsórios que são obrigados a vivenciar adormecidos, não têm plena noção da magnitude do processo evolutivo. Quando necessário, estarei presente para dar-lhe auxílio.

Enquanto sua mãe dormir, você será chamado a trabalhos conosco, na senda espiritual. Durante as atividades de Lúcia, você poderá acompanhá-la e somente no final da gravidez irá perdendo a consciência aos poucos, propiciando a acomodação definitiva do seu espírito no pequenino corpo ao qual se liga. Até lá, haverá períodos em que você estará bem próximo de seu invólucro material e nessas ocasiões perderá a noção de tempo e espaço e o seu discernimento estará prejudicado por algum tempo. Durante esse período, suas emoções estarão afloradas, mas a sua consciência estará adormecida. Enfim, ao longo dos meses de gestação, você terá percursos conscientes e outros não. Apesar disso, haverá constante troca de fluidos entre sua mãe e você, permitindo-lhe o fortalecimento espiritual e auxiliando-o no desenvolvimento material.

- Agradeço-lhe, querido Müller, essas informações. Farei o possível para integrar-me plenamente com minha nova família.

Após a despedida, aproximei-me de Lúcia. Ela despertou durante a noite e, voltando-se para papai, disse:

- Torzinho, eu acho que estou grávida...

- Não é possível você saber isso tão depressa, minha querida.

- Mas eu sei! É como se eu estivesse diferente e como se alguém mais partilhasse de nossas vidas. Sinto uma emoção muito forte e meu coração está vibrando.

Algumas mães, como Lúcia, sentem o exato momento em que ficam grávidas porque se envolvem facilmente com seus filhos. Eu fiquei feliz em ter sido notado.

Alguns dias depois, verifiquei efeitos biológicos e embrionários muito importantes. O óvulo fecundado transitara pela trompa, impulsionado pela rítmica e compassada movimentação da musculatura até ser transferido ao

útero. Fixou-se na parede uterina e iniciou o seu desenvolvimento. Estava orgulhoso; afinal, o sucesso da missão era, indiretamente, meu. Alguns óvulos fecundados não se fixam com precisão no útero materno e podem perecer, causando libertação precoce ao Espírito.

No dia seguinte, Lúcia ligou logo cedo para vovó Emília dizendo-se possivelmente grávida. Adamastor não gostou muito da ideia, pois considerava uma atitude precipitada. Afinal, aquela era a primeira tentativa que estavam fazendo. Retornou-lhe à mente a discussão que teve com mamãe a respeito de ter ou não filhos. Estava um pouco inseguro. Ah, o materialismo de volta à cena. Mas, com um pouco de perseverança, eu me aproximei e o envolvi com muito carinho.

Ele sentiu-se mais calmo e, pela primeira vez, passou a aceitar a ideia.

Fiquei tranquilo, pois sabia que terminaria conquistando de vez o endurecido coração de papai e ele cederia por completo aos meus encantos infantis. Até lá, continuava amparado em Lúcia e em sua determinação para construir, em nossa família, um verdadeiro lar cristão!

O pré-natal de mamãe

Estávamos todos reunidos no consultório do Dr. Marcelo, o obstetra de Lúcia, a fim dar início ao pré-natal.

O médico chamou mamãe e perguntou:

- *Quando foi o seu último período de menstruação?*

Dr. Marcelo visava descobrir, utilizando uma tabela própria, qual a data aproximada do meu nascimento.

A duração de uma gravidez é de 267 dias, aproximadamente, a partir da fecundação. Pode chegar a 280 dias. O cálculo do Dr. Marcelo, para *prever* a data do nascimento era mais ou menos o seguinte: ele iria tentar descobrir a data da última menstruação e faria o cálculo de que a fecundação ocorreu uns 14 ou 15 dias depois. Após, ele colocaria os 266 a 280 dias e, *voilà*, como dizem os franceses, a data histórica!

Após a consulta, papai e mamãe ficaram de retornar para uma visita todo mês, a fim de acompanhar a gravidez. Essa passagem mensal no consultório médico tinha por finalidade cuidar da saúde da mãe e do bebê, através da assistência dada pelo profissional escolhido para fazer o pré-natal.

Já fazia três semanas que eu estava crescendo. O estrógeno e a progesterona (desculpem os palavrões) aumentaram consideravelmente os seus níveis e lá ia mudança no corpo da mamãe. O papai olhava meio esquisito. Ela estava diferente.

O blastócito encontrava-se grudadinho na parede do útero e produzia quantidade suficiente de hormônio para manter a alimentação.

Na quarta ou quinta semana, normalmente, suspende-se a menstruação, mas não em todas as mães. Algumas têm sangramentos. O medo inconsciente de perder o nenê torna-se presente nessas ocasiões. Os médicos enfrentam, então, uma série interminável de frases, tais como:

- Doutor, eu quero que esse sangramento cesse agora mesmo!

- Eu não consigo dormir direito, doutor. Tenho insônia. Posso tomar um calmante?

- Eu estou um pouco nervosa com meu marido. Tenho profundo sentimento de culpa. Não é meio prematuro?

- Não, eu não posso deixar de fumar... por favor, não me peça isso.

- Mas, doutor, se eu não acompanhar meu marido nas festas e beber um pouquinho, ele cuidará de tomar alguns drinques por ambos e... o senhor percebe, não?

- NO DOMINGO TAMBÉM?? Vovô me mata se eu não brindar com o autêntico vinho do Porto o seu aniversário. São oitenta anos de macarronada aos domingos para ele, doutor.

- Nem ouse me pedir para deixar meu trabalho, doutor. Eu posso perfeitamente conciliar as coisas.

- Não posso parar de tomar todos os meus remédios. Estou de regime e não abro mão disso.

- Por que excesso de vitamina C, doutor? Eu preciso evitar rugas...

Essas são algumas das centenas de dúvidas que várias mães grávidas levam todos os dias aos seus médicos e eles sempre, com muita paciência, esclarecem todas elas prazerosamente.

O Dr. Marcelo era rigoroso em suas recomendações: não fumar ou reduzir ao máximo o consumo de cigarros; não beber ou evitar ao máximo o uso de bebida alcoólica; não tomar remédio algum sem consultar primeiro o médico; não se ocupar de trabalhos ou tarefas pesadas ou agressivas; enfim, viver saudavelmente e com tranquilidade. Amor, acima de tudo.

Como eu estava dizendo, o blastócito já era então um autêntico *embrião*, contendo três camadas a partir das quais o corpo seria desenvolvido.

Entre a quinta e a sexta semanas, as mães, finalmente, sentem que estão grávidas. Suas barrigas começam a aumentar e elas ficam mais cheinhas, pois alimentam-se por dois. A bexiga fica mais comprimida e as mães costumam ir frequentemente ao banheiro, gerando até situações engraçadas.

- *Acho que vou ao banheiro, meu amor.*

- *Mas fofinha, você acabou de ir faz ...mais ou menos cinco minutos.*

- *Você não me compreende mesmo. Eu sinto que vou passar esta gravidez toda sozinha. Sou uma infeliz! Não tenho o seu apoio. Estou insegura e intranquila (choro).*

- *Fofinha, não é nada disso, mas o momento é um pouquinho impróprio.*

- *Não, não é. Eu vou agora. Por que não posso ir?*

- *Fofinha, veja bem, mais uns 2 minutinhos e o avião termina a aterrissagem, cessa a turbulência e, então, você poderá ir. Que tal?*

Dizem - e eu endosso - que os papais ficam doces com suas mulheres grávidas. É preciso, nessa fase, muita paciência com elas, pois estão sensíveis diante de tanta alteração hormonal que lhes toma o corpo físico. De outro lado, assediadas pelo Espírito reencarnante, sensibilizam-se também por isso e as emoções ficam afloradas.

Terminando a sexta semana, a cabeça do embrião está formada. Acho que eu já podia pensar, não é? O coração batia forte e as perninhas estavam em formação (pronto, os chutes chegavam!). Eu gostava de me exercitar no útero da mamãe.

Ao atingir as 24 semanas, vez ou outra eu dava vazão ao meu instinto esportista e lá iam os pontapés... Era um gol atrás do outro! O papai vibrava, pois sentia a jogada na sua mão. A mamãe, às vezes, era surpreendida por essa atividade e passava a mão na barriga, pedindo tranquilidade ao bebê. Às vezes, eu atendia. Em outras, continuavam os chutes, a ponto de perturbar um pouco o sono de Lúcia.

Voltando à fase da sexta para a oitava semana, era a vez de um exame ginecológico mais profundo. O útero estava inchado e um pouco espesso. Já era hora de conversar sobre o parto. O feto (mudou de nome outra vez) já estava formado. Todos os órgãos internos estavam presentes e eu já tinha, acreditem, 25 mm. Era um gigante!

As dez semanas foram um marco importante. A quantidade de sangue da mamãe aumentou consideravelmente. Os seios estavam bem maiores que no início. Os órgãos internos da gestante trabalham, nessa época, com maior vigor. Ela já se cansava fácil e não gostava de subir escadas. Os dentes sofreram bastante. O flúor transferia-se para o nenê e uma visita ao dentista foi recomendada.

Movimentava-me bastante. Nadava como se fosse um peixinho. Já tinha olhinhos e desenvolvia bem os dedos das mãos e dos pés. Como todo peixinho, tinha ainda uma membrana entre os meus dedinhos.

Ao atingir doze semanas, a mamãe melhorou. Sem náuseas, enjoos e outras perturbações preliminares, acostumou-se com a gravidez. Eu já tinha

mais ou menos 7 centímetros e pesava uns 19 gramas. Ah! O aparelho genital já era perceptível.

Ao atingir as quinze semanas, estava formado. Agora, só precisava crescer.

Lembro-me do dia em que papai e mamãe voltaram ao consultório do Dr. Marcelo e ele ofereceu o estetoscópio a Adamastor, para ouvir os meus batimentos cardíacos. Ele ficou emocionado. Mas, um pouco imprevidente, achou que eu também poderia ouvi-lo e falou algumas palavras de improviso naquela pontinha do aparelho médico. Quase ficou surdo, pois a sua voz logicamente só chegou aos seus próprios ouvidos. É... às vezes papai não parecia muito esperto.

Nas dezesseis semanas, já podemos falar da figura importante da placenta e todos normalmente notam a gravidez, exceto naquelas mães muito gordinhas ou então nas outras que costumam apertar os seus nenês com cintas e roupas muito justas em nome da elegância. Eu sempre achei essa atitude inútil, porque não há nada mais belo do que uma mulher grávida. Por que não exibir a barriga, com satisfação?

Eu tinha quinze a dezessete centímetros. Era um verdadeiro “adolescente” no útero materno. Pesava uns 140 gramas. A mamãe começava a ter mais apetite. O papai estava alerta porque a geladeira seria assaltada. Ah! Eu já tinha lanugem, ou seja, pelinhos que cobriam o meu corpo.

Na época da 18^a e 19^a semanas, a mamãe conseguia sentir a minha presença, pois já tinha pernas e braços bem formados e começava a dar mergulhos e giros de 360 graus na minha casinha. Quando atingi as vinte semanas, tinha 24 a 26 centímetros e um peso bem maior. Os dentinhos e os cabelos chegaram.

Na 25ª semana eu chupava o dedo, soluçava e fazia algumas brincadeiras por conta própria.

Após essa fase, muitas mães preocupam-se com o surgimento das cruéis estrias. Olhando-se no espelho, diariamente, podem perceber as alterações em seu corpo. Mas, como eu sempre digo, nada é mais belo do que a maternidade, mesmo com as modificações físicas que a mamãe irá enfrentar.

Meu corpo estava maior do que a cabeça e já tinha cerca de 38 centímetros quando atingi as 29 semanas. Três semanas depois, apresentava a cabeça para baixo e poderia sobreviver com muita chance se nascesse. Mas tinha que conter a ansiedade e aguardar mais um pouquinho. Ganhar peso era fundamental.

Ao caminhar para as 35 ou 36 semanas, os meus olhos eram azuis, o que poderia mudar após o nascimento. Ah! Eu tinha unhas.

Agora era só esperar com ansiedade e emoção! Estava chegando a 40ª semana e eu tinha 50 a 52 centímetros e três ou quatro quilos. Por outro lado, por força das circunstâncias, já não conseguia me mexer dentro da mamãe e conferi a ela um pouco de paz.

Nada mais restava a não ser aguardar o momento certo para dar o sinal e ir para a maternidade, trazendo alegria e euforia para toda a família.

Essa é a história de muitos bebês, ao longo da gestação. Não é incrível?

Preservando a vida

Vamos tratar agora de um importante fator que faz parte da gravidez: a relevância da placenta para a saúde do bebê. Esse era um dos temas das conversas do Dr. Marcelo com as gestantes que atendia.

- Minhas caras gestantes, não preciso salientar a vocês a importância da placenta para o desenvolvimento do bebê no útero. Ela deve estar sadia e ativa, pois serve de ligação entre a mãe e seu filho. Não somente isso. Promove a limpeza e a alimentação do feto, fornecendo-lhe sangue materno oxigenado.

Achei interessante. O meu alimento vinha da placenta e eu não sabia. Que outras surpresas o Dr. Marcelo poderia ter?

- Os bebês vivem como peixinhos. Respiram através do líquido amniótico, que lhes fornece apoio para sua movimentação, bem como mantém constante a temperatura. Ele também serve de proteção, pois amortece o impacto de qualquer objeto contra o útero. Além de tudo, absorve todas as substâncias que o feto excreta através da urina. Não é interessante?

Realmente! Uma vez mais o médico me surpreendeu. Acabara de conhecer dois fatores fundamentais em minha evolução: a placenta e o líquido amniótico. Além disso, soube que informações a respeito do sexo do bebê e sua configuração genética podem ser encontrados nesse líquido. A placenta, por sua vez, interligava-se comigo através do cordão umbilical

(aquele que deixa a marca do umbigo) e permitia-me respirar sangue oxigenado, levando embora as impurezas expelidas. Por tanta importância, essa ligação profunda entre o bebê e a mamãe acabou gerando a conhecida expressão popular: “*estar ligado umbilicalmente a alguém*”.

O amor representa, nesse contexto de interação entre mãe e filho, o agente que impulsiona um início saudável de vida e um ponto de partida fundamental para a reencarnação que se consolida pouco a pouco no útero materno.

Confesso que minha sensibilidade nunca esteve tão aflorada como nos nove meses que passei ao lado de minha querida Lúcia e do meu dedicado Adamastor. Poucas crianças tiveram tanta sorte de vivenciar uma relação tão bela e tão promissora.

Infelizmente, existem alguns bebês que não são bem-vindos e seus pais não lhes transmitem todo o amor necessário para o seu equilíbrio emocional e espiritual, auxiliando em seu desenvolvimento no útero. Essa situação ainda ocorre por conta do despreparo de muitos encarnados para entender a real importância da reencarnação e sobretudo da missão confiada aos pais para bem encaminhar os seus filhos pela senda do bem, visando proporcionar-lhes alternativas concretas de reforma íntima.

A minha evolução e o meu desenvolvimento gestacional decorreram de forma tranquila, do ponto de vista médico. Sob o aspecto espiritual, recebi o carinho e a atenção que necessitava. Como fui amado desde o primeiro dia da concepção, não conseguia entender como existiam - e sei que ainda existem - alguns pais que aprovavam o aborto e até chegavam a praticá-lo. Se Lúcia e Adamastor tivessem interrompido a gravidez, o que seria de mim? Como eu poderia ter vivido meses tão belos de minha jornada no útero de mamãe? Para quando teria ficado postergada a programação que eu

tinha a desenvolver? Essas reflexões me levavam a reiterar a minha oposição ao aborto, pois essa prática sempre foi, sem dúvida, um seriíssimo atentado contra a vida e contra os desígnios divinos.

Alguns ainda hoje o defendem porque dizem não haver vida nos primeiros meses de gravidez. Como não há vida? Desde o início de minha concepção eu estive presente com meus pais e tanto recebi como dei-lhes muito amor. Este meu depoimento é em favor da vida, aquela que se manifesta, no plano material, desde o instante em que o óvulo é fecundado pelo espermatozoide.

Certa vez, vivenciei ao lado de Lúcia uma situação da qual jamais esqueci. Acomodado ao seu lado, percebi que ela conversava com uma de suas melhores amigas, chamada Silvana. A moça estava bastante entristecida e profundamente abalada. Observei que a conversa girava em torno do aborto, pois Silvana estava grávida e manifestava a intenção de interromper a gestação. Lúcia, desesperada, buscava convencê-la do contrário, embora já estivesse quase sem forças.

- Silvana, pelo amor de Deus, não faça isso! Será que você não compreende o erro gravíssimo que estará cometendo? Abortar significa o mesmo que matar.

- Ora, Lúcia, não seja tão drástica somente para me intimidar. Você não sabe que até os seis meses de gestação não há vida? Existe apenas um corpo em formação, inerte, que não pode sobreviver sem o auxílio materno. Logo, não se trata de “extinguir uma vida”, como você diz, mas sim da expulsão de uma parte do meu próprio corpo. A decisão é exclusivamente minha...

Fiquei chocado com o materialismo exposto naquelas palavras. O processo de reencarnação programado pelo Plano Superior estava sendo

reduzido a praticamente *nada*. Eu, mais que ninguém, sabia ser uma inverdade aquela ideia de Silvana, mas como poderia provar-lhe isso? Coloquei-me em oração. Atendido por mentores de Alvorada Nova, percebi que a amiga de mamãe foi envolvida por um passe confortante. Do seu coração partia, no entanto, um foco de luz escura que eu logo percebi tratar-se do sentimento emanado de seu filho. O Espírito a ela ligado estava inconformado e vibrava negativamente.

A região uterina, por sua vez, estava envolta num círculo negro e opaco que lhe tomava todo o ventre. A conversa prosseguia.

- Lúcia, minha amiga, torna-se fácil para você dar-me conselhos. Sua gravidez foi desejada e Adamastor lhe dá apoio. No meu caso tudo aconteceu de modo diferente. Ronaldo odeia o fato de estar prestes a ser pai e minha família não pode nem ouvir falar a respeito do assunto. Afinal, não somos nem casados... Não podemos ser pais.

- Não diga isso! Mesmo que ainda vocês não estejam unidos, jamais dirija sua ira contra o bebê. Ele não tem culpa dessa situação. Trata-se de um Espírito que conta com essa chance de reencarnação para retornar ao mundo físico.

- Lúcia, eu sinto muito. Não consigo ter a fé que você tem, nem mesmo consigo acreditar na existência de um Espírito ligado a mim nesta fase da gestação. Além disso, você não tem ideia do preconceito que existe contra as mães solteiras... Coloque-se no meu lugar.

- Minha amiga, conte comigo para auxiliá-la em qualquer momento. Entretanto, lembre-se de que preconceitos sociais não podem ser mais fortes do que a força da vida. O seu amor será, sim, suficiente para compor o universo de seu filho e, apesar das dificuldades, vocês formarão uma

autêntica família. Quem sabe, após o nascimento, Ronaldo resolva assumir a sua posição como pai e tudo termine bem?!

Silvana estava mais calma. O envolvimento de amor propiciado por Lúcia e pelos mentores espirituais naquele instante conseguiram algum progresso. O bebê de Silvana acalmou-se e parou de mover-se dentro do útero. O Espírito a ela ligado olhava-me sem nada entender. Não conseguíamos nos comunicar. Ele estava ainda revoltado e eu conseguia ver o seu estado de ira ante a vibração que dele emanava.

Senti uma intuição e concentrei-me. Pouco a pouco, surgiu-me na mente a imagem do filho de Silvana, tal como ele se apresentava no plano espiritual antes daquele processo de reencarne que estava vivenciando. Tratava-se de seu pai. Silvana recebia o seu próprio genitor como filho. Fechei os olhos e vibrei. Mamãe captou minha mensagem.

- Silvana, eu sinto muito forte em meu coração que este seu filho tem uma tarefa especial na sua vida. Ele deve nascer a qualquer custo. Quem sabe você não estaria recebendo algum familiar seu tão querido, prestes a retornar ao seu convívio?

- Que bobagem, Lúcia! Você está obcecada com a religião e acredita em tudo que lhe dizem.

- Por favor, querida amiga. Ouça-me! Ao menos uma vez na sua vida, ouça-me. Eu estarei aqui, juntamente com Adamastor, para apoiá-la sempre que você precisar. Você não irá enfrentar esta gestação sozinha. Que tal? Aceita a minha ajuda?

- Vou pensar, Lúcia. Sinto-me melhor agora e aprecio a sua vontade em ajudar-me, mas não posso garantir-lhe qual será a minha decisão, pois estou confusa...

- *Muito bem. Qualquer decisão que você tomar, avise-me. Antes de consumir qualquer besteira. Promete?*

- *Certamente.*

A conversa estava terminada, mas eu sentia que Silvana não se convencera de fato. O Espírito que a acompanhava fragilizava-se a cada momento e deixava-se envolver em vibrações inferiores e desastrosas. Não havia comunicação alguma entre mãe e filho. Cada um deles colocava-se em uma faixa diferente de sintonia.

Duas semanas depois, durante a madrugada, Lúcia acordou sobressaltada e chorando.

- *O que aconteceu, Lucinha? Você está pálida! Acho que estava tendo um pesadelo.*

- *Não, Adamastor, não era um pesadelo. Acredito que Silvana tomou a sua decisão a respeito da gravidez. Preciso falar com ela...*

- *Agora?*

- *Imediatamente. Por favor, pegue a minha agenda. Vou localizar o seu telefone.*

- *Mas, meu amor, são três horas da manhã. Você não pode ligar para a casa dela agora. Espere amanhecer.*

Lúcia estava tão determinada, que acabou telefonando. Minutos depois, entristecida e cabisbaixa, voltou ao quarto.

- *Terminou... Ela não me esperou e não me ligou. Silvana abortou há alguns dias e agora se encontra internada numa clínica de repouso. Ficou profundamente abalada com o ato que praticou. Sua mãe disse que ela chorava convulsivamente, sem parar. Tinha vertigens e entrou em estado de choque. Ronaldo viajou para o exterior e não acompanhou o ocorrido. A família não teve outra alternativa e internou-a.*

- Mas que trágico! O que podemos fazer?

- Agora, meu amor, só poderemos orar pela sorte de Silvana e do seu filho, hoje desligado de sua mãe e, sabe-se lá, em que situação... Deus os proteja.

Liguei-me de imediato com meu mentor e, solicitando a sua presença, orei. Em pouco tempo, comunicava-me com Müller, a quem pedia ajuda e informações. Fui esclarecido que não poderia ir ao encontro de Silvana, pois ela estava em processo obsessivo e eu não deveria distanciar-me de Lúcia naquele delicado momento. O Espírito que foi abruptamente desligado de seu processo reencarnatório associou-se a entidades inferiores e, cego de ira, passou a envolver negativamente a moça. Nada se poderia fazer a não ser aguardar que a Providência Divina, futuramente, interferisse para promover o recomeço na vida de ambos. Mãe e filho, que no passado já foram filha e pai, Espíritos endividados que eram, haveriam de se reencontrar um dia para o resgate de débitos mútuos.

Quando eu atingi as sete semanas de vida gestacional, surgiu em minha casa uma conversa diferente. Papai buscava convencer minha mãe a fazer vários exames complementares àqueles que o Dr. Marcelo indicava para o pré-natal. Queria ter certeza de que eu seria um bebê inteiramente saudável.

- Para que, Adamastor? Eu acho bobagem e não estou disposta a fazer esse tipo de exame.

- Mas, Lúcia, trata-se da saúde de nosso bebê. Minha mãe falou que o tempo está passando e nós não nos preocupamos ainda em saber se o bebê é normal.

- Meu amor, o que nos importa saber se a criança vai ser saudável ou não? Eu não pretendo interromper a gravidez em hipótese alguma. Se Deus nos enviar um filho com algum tipo de deficiência, pretendo amá-lo da

mesma forma. Portanto, basta que eu faça os exames indicados pelo pré-natal do Dr. Marcelo para manter-me com saúde e também para ajudar no desenvolvimento do nenê.

- Mas, Lúcia, qual a graça de termos uma criança retardada?

- Às vezes, Adamastor, eu acho que você não está esperando um filho, mas sim um brinquedo ou uma peça de decoração. Estamos falando de um ser humano e não de uma máquina qualquer que, estando com algum tipo de defeito, joga-se fora e compra-se outra.

- Está bem! Eu sabia que o seu radicalismo religioso, outra vez, iria impedir o meu desejo.

- Esse meu “radicalismo religioso”, como você chama, impede-me de cometer deslizes pela vida afora e não me permite esquecer de nossa jornada efêmera no plano material. Lembre-se que, quando retornarmos à verdadeira vida, teremos que prestar contas de nossos atos.

- Muito bem! Você venceu e não se fala mais nisso.

Mamãe era assim. Decidida e convicta de sua fé, nada poderia abalar a sua confiança em Deus. Fazer exames para auxiliar o desenvolvimento do feto sempre foi atitude recomendável, porém fazê-lo somente para, mais tarde, servir de pretexto a um aborto é ato inadmissível e longe da seara cristã.

Quando cheguei próximo às dez semanas, quase explodia de contentamento. Gostaria de ter apagado as velinhas de um bolo de aniversário. Afinal, não é sempre que se atinge **cinco centímetros**. Um de meus passatempos prediletos, quando tinha horas de lazer, era observar minhas mãos e pés. Achava o máximo brincar com as membranas que revestiam os meus dedos. Nadava como se fosse um atleta. Conseguia ouvir alguns sons e assustava-me quando algum barulho se aproximava de súbito

do ventre de mamãe. Nos momentos de meu desprendimento, lá estava eu acompanhando, entusiasmado, Lúcia e seus passos.

Uma vez mais, estávamos no consultório do Dr. Marcelo. Enquanto esperava ser atendida, mamãe ouvia os reclamos de outra gestante.

- Ah, Lúcia, você não sabe como fico aborrecida de estar deformando o meu corpo. Foram anos e anos de ginástica e de um regime bárbaro para manter a forma... Agora, olhe bem para mim! Estou enorme, gorda, feia, horrível... Nunca mais serei a mesma.

- Deixe disso! A importância da maternidade não está concentrada num corpo esguio e magro. Ser mãe significa amar, criar e educar o filho. A gravidez nos dá a incrível chance de exercitar os nossos mais belos sentimentos.

- Você diz isso porque engordou pouquíssimo durante a sua gestação. Eu estou i-m-e-n-s-a!

- Cada um tem uma reação orgânica própria durante o período gestacional. O corpo pode reagir de uma forma ou de outra, engordando mais ou menos. Todas nós, grávidas, no entanto, teremos a nossa barriguinha e isso não deve significar motivo para lamentações e sim razão de orgulho. Afinal, somos, por alguns meses, as donas da vida, as procuradoras do destino, as protagonistas da formação de um novo ser, as...

- Chega, chega, estou convencida! Céus, do jeito que você fala nós deveríamos viver grávidas...

- Por que não?

Nesse instante, a recepcionista comunicou-lhe que o médico iria recebê-la. A moça levantou-se e sentenciou:

- Você está certa! Vou falar com meu marido a esse respeito. Não vou mais admitir brincadeiras que versem sobre o meu peso. Aliás, aqueles que zombam de mim devem estar morrendo de vontade de estar no meu lugar. Até logo!

Decidida, ela deixou a sala de espera. Abismado, eu admirava cada vez mais a minha corajosa e determinada mamãe. Ponto para Lúcia!

Os cuidados com minha saúde

Ao longo de toda a gravidez, mamãe cuidou muito bem de sua saúde buscando ter especial zelo com sua alimentação. Papai desdobrou-se em cuidados com ela e mantinha sempre abastecida a nossa despensa. Algumas metas foram estabelecidas: verduras e legumes eram a prioridade, além de se evitar o excesso de gordura.

Eu buscava ser um nutricionista de primeira linha e acompanhava todas as incursões de mamãe à feira.

Costuma-se dizer que a gravidez provoca algumas *vontades* na gestante, tais como o desejo de comer determinado tipo de alimento. Surgem as combinações mais estranhas: abacate com jiló, pêssigo em calda com arroz integral, macarronada com molhos picantes, entre outros.

Na realidade, o Dr. Marcelo dizia que não há uma explicação segura quanto a esses peculiares desejos das mães grávidas, mas poderia apontar o aumento dos níveis hormonais, em especial da progesterona, como uma das razões. Não deixa de ser importante, nesse contexto, a atenção e o carinho que os pais possam dedicar às suas companheiras, atendendo-lhes os pedidos na medida do possível, a fim de demonstrar o seu amor e o seu afeto.

Em uma manhã quente, mas com céu nublado, Lúcia levantou-se às 7 horas e aprontou-se para ir à feira. Enquanto ela tomava o seu banho de

imersão e papai vestia-se para o trabalho, Lourdes, desesperada com o horário, gritava da cozinha:

- Não é possível! É a sexta vez na semana que faço torradas bem quentinhas e um café fresquinho para servir a todos nesta casa e ninguém aparece na hora marcada.

- Calma, minha querida, estamos aqui. Não há necessidade de tanto drama. Vamos comer satisfeitos as suas torradas não tão quentinhas e o seu café reaquecido, está bem?

Mamãe adorava temporizar. Se dependesse de papai e Lourdes, que viviam gritando, não teríamos um lar tranquilo. O equilíbrio imposto por Lúcia facilitava a nossa vida. Acredito que, em toda casa, existe uma figura assim, que serve de apoio e representa um ponto de convergência aos demais membros da família.

Após o café da manhã, fomos à feira e mamãe passava em todas as barracas à procura dos legumes, verduras e frutas mais frescos que pudesse encontrar. Na sua dieta estava presente a vitamina B1 dos legumes e cereais. Ela gostava de tomar também levedura de cerveja.

Na barraca de Dna. Benedita encontrávamos muitos peixes, com suas vitaminas B3, B12 e D. Lúcia agonizava um pouco com aquele cheiro, mas conformava-se, pois no começo da gestação tinha sido pior.

Em determinado momento, Lúcia encontrou-se com uma amiga que não via há algum tempo.

- Como vai, minha querida? Há quanto tempo não nos víamos?!

- É verdade, Martinha. Vejo que ambas estamos grávidas. Que felicidade! Para quando é o seu bebê? Faltam alguns meses ainda?

- Não, Lúcia. Estou no nono mês de gestação. Eu sei que não parece, mas... o que fazer?

- *Nono mês? Como assim?*

- *Fumo e alimentação inadequada. Não consegui diminuir nem um pouquinho a quantidade de cigarros que consumo todos os dias e, além disso, passei toda a gestação ingerindo frituras e nenhuma verdura ou legume.*

- *Mas por quê? O médico não lhe avisou?*

- *Confesso que sim. Pedro e eu, no entanto, não demos ouvidos. Além do mais, meu marido perdeu o emprego quando eu estava no segundo mês de gestação. Ficou nervoso, passou a beber e a fumar ainda mais. Eu não consegui evitar a depressão e terminei acompanhando os seus atos impensados. Pioramos os dois, não curtimos a gravidez e acarretamos um peso abaixo do mínimo para nosso filho. Agora, procuro recompensar minha falta de cautela e venho à feira para comprar tudo aquilo que deveria ter consumido pelo menos ao longo desses últimos nove meses.*

- *Que pena, Martinha! Fico um pouco chateada em ouvir tais relatos. Gostaria de ajudá-la, falta-lhe alguma coisa?*

- *Serei sincera com você, minha querida amiga. Com a atual situação de Pedro, desempregado, bem como pelo fato de eu nunca ter trabalhado fora em toda minha vida, não estamos bem...*

- *Situação financeira?!*

- *Às vezes, eu venho à feira para comprar a mercadoria que sobra nas barracas, pois não há condições de adquirir antes do final... Você sabe como estão os preços...*

- *Minha amiga, deixe-me ajudá-la. Gostaria de poder dividir algumas coisas que já comprei com você. Permita-me fazê-lo. Eu sofro tanto em saber que há muitas mães como eu, necessitando de tantas vitaminas e*

reforço alimentar nessa fase tão delicada de suas vidas e mal conseguem sobreviver... Não posso ver uma amiga querida na mesma situação.

- Pedro foi imprevidente e nós sempre gastávamos tudo o que ele ganhava. Não tínhamos nada, absolutamente nenhuma reserva para fazer frente à minha gravidez. Estamos sobrevivendo graças à ajuda de meus pais, mas eles também não podem dispor de muito. Quando ele trabalhava, nosso padrão de vida até que era bom. Nunca pensamos em dividir nossa vida com outra pessoa e veja o resultado: um bebê mal formado, abaixo do peso e talvez até privado do carinho que ele tanto merecia ao longo de momentos tão importantes de sua vida.

Martinha tinha integral razão. Seu filho estava com má formação e aquém do peso ideal. Carente, o Espírito vagava num sono inquietante e angustiado. Mal conseguiu vivenciar com seus pais aquele período de vida tão delicado que é a sua formação no útero materno. A mãe e o pai fumavam sem parar e brigavam muito. Sem alimentação condizente, materialistas que foram, nenhum cálculo fora feito para recebê-lo em novo lar. Era triste ver um irmão meu nessa situação. Reconhecia, entretanto, a Justiça Divina em todas as situações e tinha certeza que ele enfrentava alguma programação ao sofrer tanta decepção em seus primeiros meses de vida material. Busquei confortá-las e orei muito. Alguns mentores se aproximaram e acolheram meus pedidos.

- Estou melhor agora, Lúcia. Acredito que já posso ir embora.

- Não sem antes receber alguns frutas e legumes... ah, um pouco de peixe fresquinho também.

- Não se preocupe(...) É muito (...) Deixe disso!

- Eu insisto!

Despediram-se. Lúcia tinha ficado um pouco magoada, mas refez-se. Afinal, a situação de Martinha não era isolada. Muitas gestantes sofriam com a falta de alimentação adequada e desequilíbrio emocional nessa fase tão importante de suas vidas. Entretanto, o que mais aborrecia mamãe era o fato de que muitas mulheres grávidas, que tinham recursos, incidiam nos mesmos erros que sua amiga cometeu. Fumavam sem controle, alimentavam-se mal e não buscavam manter a calma e a paz em seus lares.

Eu também aprendi a admirar Lúcia um pouco mais. Ela jamais deixava de ajudar alguém que estivesse precisando, especialmente os amigos. A indiferença, no plano material, é uma cruel manifestação dos encarnados e não constitui um ato cristão. É dever de todos praticar a caridade e a omissão nesse sentido também faz acumular débitos.

De volta às compras, pude observar que Lúcia continuou procurando suas verduras.

- Seu José, onde estão as minhas “verdinhas”?

- Estão aqui, Dna. Lúcia. Mas para que tanta alface, agrião, couve e espinafre? A senhora pretende abrir uma quitanda? (risos)

- Deixe de brincadeira! São elas que me trazem a vitamina K. Se eu tiver algum problema durante o parto que se aproxima, essa vitamina ajuda no processo de coagulação do sangue.

- A senhora é sempre uma mulher previdente. Vou recomendar essa dieta à minha esposa, que também está grávida.

- Não me diga que Safira está esperando um filho?! O senhor nem me avisou, hein?

- Eu não sabia, Dna. Lúcia. Ela fez surpresa. Contou-me no último domingo. Confesso que estou em estado de graça. É o meu primeiro macho...

- Como assim? O senhor já sabe o sexo?

- Não, não, mas obviamente é um homem.

- Não entendi. Por que “obviamente”? O que há de errado com as mulheres?

- Nada não, Dna. Lúcia, não me leve a mal, mas eu não posso considerar ter um primogênito que seja mulher. Quem vai herdar minha barraca na feira?

- Ora, ora, Seu José, o senhor é machista... Por que não sua filha? Dna. Benedita cuida muitíssimo bem da barraca dos peixes, que, aliás, fatura mais que a sua. Tem cabimento pensar agora em herança ou com quem o senhor vai jogar futebol?

- Meus amigos iriam rir de mim...

- Por quê? Eles não têm mãe? O senhor não tem mãe, Seu José?

- É lógico que sim, mas é diferente. A mulher é perfeita para cuidar de um filho e ser fonte de amor a vida toda. O homem é mais “cabeça”, a senhora entende?

- Não, não entendo e não aceito.

Pronto, o feirante despertara os brios de mamãe. Lúcia era plácida e mansa, desde que não discutisse a igualdade dos sexos. Ela defendia o amor universal a todo e qualquer ser e, como espírita que era, sabia que o Espírito reencarnava ora como homem, ora como mulher. Não havia, pois, diferença em termos de evolução entre ambos os sexos. O estágio era necessário nos dois. Lá vamos nós de novo.

- Seu José, o senhor deveria envergonhar-se. Tudo o que os pais podem desejar, como resultado de uma gestação de amor, é o nascimento de um filho saudável, de acordo com a Vontade de Deus. Se homem ou mulher, o que importa? Devemos amá-lo de qualquer forma. Aliás, aqueles que

defendem o nascimento de um só sexo, esquecem-se de suas mães ou de seus pais, de seus maridos ou de suas mulheres... Existe no mundo perfeita equivalência entre homens e mulheres e Deus bem sabe o que faz.

- Está bem, Dna. Lúcia, a senhora me convenceu. Queira Deus que Safira esteja esperando uma menina, talvez até duas gêmeas. Já tenho até os nomes: Esmeralda e Ágata. Que tal?

- Agora está melhor. Deixe-me levar as minhas “verdinhas” que já estou atrasada. Passar bem, Seu José.

- Passar bem, Dna. Lúcia.

Tão logo mamãe afastou-se da barraca, o feirante comentou com um funcionário.

- Você viu a Dna. Lúcia? Tive que concordar com ela, senão perdia a freguesa. É possível? Vou contar para Safira... É óbvio que vamos ter um menino.

O destino acaba pregando algumas peças. Durante vários anos tentando, sem sucesso, o Seu José teve cinco filhas. Nenhum homem. Mas foi muito feliz. As meninas o auxiliavam com prazer e dedicação na feira e despertavam a atenção de todos os demais feirantes. Eu já estava reencarnado quando as conheci.

- E aí, José, como estão as coisas? Como vão as meninas?

- Tudo bem, Anastácio. E seus garotos?

- Nem vou contar-lhe a desgraça da minha vida. O mais velho fugiu de casa porque não queria estudar de jeito nenhum. Ajudar-me aqui na feira? Nem pensar. O meu filho mais novo é desligado, não trabalha também e vive atrás de uma moça do bairro. Que tristeza! Eu pensei que teria apoio para minha velhice e olhe só o que me aconteceu. Você é que é feliz com

suas meninas. Todas ajuizadas e estudiosas. Ajudam o pai e encantam a todos nós.

- É verdade, quando Esmeralda nasceu eu disse para Safira: “Estou realizado, era tudo o que eu pedi a Deus: uma menina!”. Você não sabe como eu desejava uma garota como primeira filha. Elas são carinhosas, ajuizadas e deixam-se educar pelos pais com maior facilidade. As minhas, como você vê, não deram nenhum trabalho e ainda auxiliam-me na feira. Que pena você não ter tido uma menina, Anastácio...

A conversa cessou de imediato quando mamãe se aproximou da barraca. Seu José se lembrava muito bem daquela conversinha que teve com Lúcia anos antes... Afinal, o mais importante para os pais não deve ser o sexo dos bebês e sim o amor que os une, consolidando os laços familiares. Essa lição o feirante aprendeu.

O convívio familiar

Certa manhã, Lúcia acordou sobressaltada e percebeu que Adamastor não estava no quarto. Eram 4 horas da manhã e fazia um frio intenso. Devagar e preocupada, ela levantou-se e saiu pela casa a fim de encontrá-lo.

Após percorrer todos os cômodos não encontrava papai. Àquela hora, seria temerário sair no quintal ou mesmo pela rua. Estava trêmula de frio e de ansiedade.

Circulou novamente por toda a casa. Nada. A única solução que lhe parecia iminente era chamar a polícia. Adamastor desaparecera misteriosamente. Procurou um telefone. O mais próximo era o da sala, porém lá estava gelado. Voltou então ao quarto do casal e, acomodando-se na beirada da cama, retirou o fone do gancho, preparando-se para discar. Em vez de linha, ouviu gritos. Surpresa e envolvida pela preocupação de resolver o mais rapidamente possível o sumiço de Adamastor, buscou averiguar do que se tratava. Escutou.

- Chega de me contrariar, eu sou sua mãe! Você tem que fazer aquilo que eu estou mandando.

- Mas mamãe, tenha um pouco de paciência. As coisas não podem ser feitas à sua maneira. Democracia significa ouvir a opinião de todos...

- Democracia? Você sabe o que eu penso a respeito disso?

- Mas mamãe...

- Não venha com desculpas, Adamastor. Eu avisei que você não deveria ter-se casado com essa “suburbana”, sem educação e sem preparo.

- Mamãe, eu não admito...

- Cale-se! Você não fala, apenas ouve. Seu pai e eu criamos um simpático “cordeirinho”, que faz todas as vontades da esposa e ainda não quer contrariá-la em nada... Até para falar com a pobre da mãe é obrigado a ligar de madrugada.

- Não é verdade! Eu liguei para a senhora nesse horário porque sabia que estava voltando do jantar com os Freitas. Além do mais, a senhora nunca está em casa com papai.

- É lógico que não! Não vou perder meu tempo com televisão, como vocês fazem. Seu pai e eu temos amigos e muitos compromissos sociais. Isso não significa que você nos tenha chamado a essa hora por causa disso.

- Essa é apenas uma das razões. A outra é que seria impossível conversar com a senhora na frente de Lúcia.

- Está vendo! Justamente o que eu digo. Ela não deixa você conversar conosco.

- Não se trata disso! A senhora é muito ríspida com ela e torna-se impossível um diálogo equilibrado.

- Adamastor, desde logo eu aviso: não vamos abrir mão de escolher o nome do seu primeiro filho. É uma tradição em nossa família há séculos.

- Não seja exagerada, mamãe! Que importância tem esse tipo de “tradição”? O nome deve resultar de um consenso familiar...

- Não diga asneira! Vocês não têm competência para escolher nada. Deixe-me cuidar disso.

Vovó Estela tinha dois problemas básicos no convívio com as pessoas: era arrogante e orgulhosa. Sentia-se superior por ser rica e originária de

família tradicional de São Paulo. Dizia-se “quatrocentona”, ou seja, seus ancestrais teriam sido os primeiros a chegar no Brasil no início do Século XVI. Eu ficava pensando: que importância isso teria? Por que uma pessoa seria melhor que outra somente por conta de dinheiro ou de “tradição”? Em verdade, os valores espirituais não preenchiam o cotidiano de vovó e ela acomodava-se com futilidades sociais, sem aperceber-se que isso a endurecia cada vez mais. Vovô Augusto não a contrariava, apesar de também não tolerar essa conversa de “superioridade” que ela possuía.

Por tal motivo, o convívio familiar era difícil. O pretexto arranjado por vovó Estela para ser dela o direito de escolha de meu nome era somente uma razão a mais para brigar com mamãe. Quando Adamastor contou que iria casar-se com uma moça simples, de família humilde, porém repleta de qualidades morais, sua família não aceitou. Queriam um casamento “à altura”, como disse vovó na época. Nesse ponto, papai não cedeu e desconsiderou o intuito de lhe escolherem uma esposa. Foi uma decisão acertada! Ao lado de Lúcia, ele conseguiu um equilíbrio emocional que jamais teve e, logicamente, permitiu que eu pudesse voltar ao plano material.

O materialismo é uma chaga que envolve os seres humanos, arrastando-os para perniciosos conflitos. Não há razão alguma para que o encarnado dê tanto valor a bens materiais se estes são apenas transitórios. Quando desencarnado, a vida espiritual acolhe somente as conquistas espirituais de cada um. Essa seria uma das minhas tarefas: conviver com vovó Estela para ensinar-lhe alguns valores que seu coração não conhecia.

Por ter sido contrariada na escolha que papai fez ao casar-se, ela não perdoara Lúcia e sempre que era possível gostava de humilhá-la e irritá-la com suas agressões gratuitas. Adamastor buscava temporizar, mas às

vezes não conseguia. A vida em família é assim mesmo. Um centro de disputas, amores e competições de toda ordem que serve de cenário à evolução espiritual do encarnado.

Após ouvir alguns segundos dessa conversa, Lúcia deixou escorrer algumas lágrimas e, entristecida, compreendeu o que se passava, desligando o telefone. Adamastor estava no porão, carregando uma extensão e conversando com sua mãe longe de sua presença. O diálogo com vovó Estela prosseguia.

- Mamãe, eu não posso assumir nenhum compromisso com a senhora. O nome de nosso primeiro filho será uma escolha de consenso na família, para nos trazer alegria e não dissabores.

- Faça como você quiser! Quando eu disse para não casar, você casou. Por que iria agora respeitar o meu desejo?

- Eu faço o possível para agradá-la, mas a senhora tem que ser razoável. Não pode continuar comandando a vida de todos que a volteiam somente porque tem dinheiro e acha que pode “comprar” as pessoas. Lúcia é uma ótima moça, com quem encontrei a minha felicidade e jamais me arrependi. Na vida, mamãe, há alguns valores que independem de dinheiro ou posição social.

- Você nunca pensou desse modo. O que o fez mudar de ideia?

- A vida me ensina. Vivenciar o amor e deixar que os sentimentos possam fluir com pureza e naturalidade são alguns dos motivos que eu tenho para alterar o meu pensamento. Gostaria que a senhora mudasse um pouco também.

- Agora é tarde! Já estou velha demais para modificar o meu comportamento.

- Sempre há tempo para uma reforma íntima, basta ter vontade.

*- Meu filho, não vamos discutir filosofia de vida. Eu sou assim e pronto!
Lamento que não pensamos da mesma forma.*

Após algumas outras frases, os dois se despediram e desligaram. Papai voltou para cama e nada contou a Lúcia no dia seguinte. Ela, por sua vez, entendendo o constrangimento do esposo, também nada comentou. Vovó Estela ainda daria muito trabalho a todos, mas eu estava esperançoso de que o tempo iria ensinar-lhe alguns novos rumos em sua vida.

Na manhã seguinte, estava com mamãe no supermercado, quando encontramos com vovó Estela.

- Lúcia, meu bem, como está?

- Estou bem, Dna. Estela. E a senhora? Como vai o Seu Augusto?

- Estamos todos bem. Sua gestação está no final e, em breve, teremos o nosso netinho. Estamos ansiosos. A propósito, você já escolheu algum nome para ele?

- Sim. Será Caio Mário, um nome que agrada a Adamastor e a mim.

- Magnífico! Eu sempre disse a meu filho que ele fez uma excelente escolha ao casar-se. Você é maravilhosa e escolheu muito bem o nome do meu neto, agora que já sabe o sexo.

A dissimulação é uma característica de alguns encarnados. Escondendo os seus verdadeiros sentimentos, eles transmitem às pessoas com as quais convivem e não gostam uma vibração negativa, mas buscam aparentar outra coisa. O ideal seria buscar atingir a postura cristã, que é “*amar os nosso inimigos e perdoá-los sempre*”. Portanto, demonstrar cordialidade e gentileza mas, por trás, desejar o mal deve ser sempre evitado.

Lúcia, entretanto, já conhecia muito bem a sogra e sabia que não havia sinceridade em suas palavras. Mesmo assim, agradeceu as observações de vovó, convidando-a a um jantar em nossa casa.

Normalmente vovó Estela despenca a falar em francês quando fica contrariada. Dos males, entretanto, o menor. Será que ela gostou mesmo do meu nome? Talvez tenha até sido sincera e elogiou, de fato, o bom gosto de mamãe e papai... Uhlálá, *que cet enfant est ingénu!*

Meu enxoval

Uma imensa loja com motivos infantis espalhados por todos os lados e chamada “*Recanto do Nenê*” iluminava-se ao entardecer com facho de luzes coloridas e chamando a atenção de todos os pedestres que pela calçada da Rua Barão de Itapetininga passavam apressados. Vendedoras sorridentes recepcionavam ainda na rua os clientes em potencial que simplesmente paravam à porta a fim de apreciar a vitrine. Nem se deveria pensar que os preços estariam expostos na entrada da loja. Eles sempre ficavam bem guardados numa pasta preta, sob os atenciosos cuidados do gerente.

Papais e mães emocionados adentravam diariamente o *Recanto* - uma das lojas mais elegantes da cidade - para comprar peças de todos os tipos, visando formar o enxoval de seus futuros bebês. Naquele dia, em especial, eu pude vivenciar uma experiência diferente, quando Lúcia e Adamastor ali entraram.

- *Torzinho, meu bem, não há necessidade de gastarmos tanto dinheiro com as roupinhas do nosso bebê. Eu sei tricotar e mamãe está nos ajudando também. Já fizemos belas peças artesanais para compor o enxoval. Você iria gostar...*

- *Lúcia, eu compreendo a sua boa intenção e louvo a dedicação de sua mãe, porém, nossos amigos não podem ver nosso filho na maternidade*

vestindo qualquer tipo de roupa. Entende? É preciso dar valor ao linho, à seda, ao cetim, enfim, aos tecidos nobres.

- Adamastor, estamos comprando roupinhas para o nosso filho e não para um príncipe. Além do mais, maternidade não deve ser um lugar para a realização de um desfile de moda.

- Jamais! Mamãe advertiu-me para não poupar dinheiro nessas horas... O nosso filho merece o melhor.

- Isso não quer dizer que devemos incentivar o desperdício. Podemos conseguir tudo aquilo que o bebê irá precisar sem a necessidade de gastar uma fortuna. Lembre-se que a criança cresce rápido e perde fácil as roupas que tem.

Estávamos diante de um impasse criado entre o materialismo de papai e o natural desprendimento de mamãe. Os bens materiais eram importantes para o meu conforto, porém havia um limite que Lúcia pretendia impor. Viver em função desses bens ou tendo-os por objetivo único a ser atingido ao longo da jornada na Crosta seria ingressar no campo do materialismo, sede dos mais profundos erros dos encarnados. Assim, o que mamãe desejava era comprar o necessário para o meu enxoval, sem ostentação ou gastos supérfluos. Enfrentava, no entanto, a rígida posição de papai.

- Lúcia, acho que quem está exagerando é você. Se os pais podem dar conforto aos filhos, devem fazê-lo ou será que você é a favor do voto de pobreza?

- Não se trata disso, meu bem. Jamais disse que deveríamos passar privações materiais se tivermos condições de evitar. O meu intuito, porém, é evitar um apego descontrolado ao luxo e à ostentação. A criança tem determinadas necessidades a serem sanadas pelos pais, o que, em verdade, não varia muito de uma para outra. Assim, ricas ou pobres, elas têm quase

as mesmas necessidades, variando apenas - para mais ou para menos - conforme a saúde de cada uma. Gostam de mamar, dormir e tomar um bom banho quente. Apreciam o carinho dos pais e a fala mansa dos parentes e amigos. Não deixam de sentir frio e calor e poucas cobertas ou um doce abanar da mamãe podem resolver tais necessidades. Logo, Adamastor, com amor e um mínimo de recursos materiais, toda criança pequena pode ser plenamente satisfeita, tornando-se feliz.

- Que simplicidade! Estão resolvidos os problemas do mundo... Por que existem tantas crianças na mais absoluta miséria?

- Meu bem, não vamos tornar a exceção uma regra. Há mais crianças em famílias e bem cuidadas do que o contrário. Por outro lado, aquelas que são privadas dos cuidados mínimos indispensáveis sofrem, é verdade. Mas devemos ressaltar que nem sempre o sofrimento advém da falta de recursos materiais. Porventura, pode tratar-se de desleixo e desamor dos próprios genitores. Amor não é conquista de ricos ou pobres. Ele é um sentimento universal. Nenhuma criança, portanto, deveria ser privada de receber dos pais muito amor, que é gratuito e não depende das condições econômicas. Outras, no entanto, cujos genitores não têm realmente como satisfazer-lhes as mínimas necessidades - até mesmo para a sobrevivência - merecem a atenção de todas as outras famílias, já que somos todos responsáveis uns pelos outros. Por isso, ajudar a criança carente é obrigação universal, como o amor. No mais, se nasceram em lares carentes haverão de enfrentar duras, mas regeneradoras provas na sua existência material. Não há injustiça, Adamastor. Nós é que transformamos tudo à nossa maneira e complicamos a Lei Divina.

- Belo discurso, Lúcia! Entretanto, como iremos convencer as pessoas que nos visitarem disso tudo? Será que elas não irão pensar que quisemos

economizar e não demos à criança o conforto que ela merecia? Não seríamos considerados mesquinhos?

*- Meu bem, aqueles que forem visitar o nosso filho e pensarem dessa forma, não estarão sendo nossos **amigos**. Os que nos conhecem, sabem como vivemos e o que pensamos. Sabem, ainda, que seríamos incapazes de assim estar agindo por mero egoísmo ou por sermos mesquinhos. No mais, não devemos nos importar com o sentimento negativo daqueles que não nos querem bem.*

- Nesse ponto você tem razão. Amigos verdadeiros compreendem os nossos atos e não os veem com malícia e maldade.

- Pois certo que não! Veja, meu amor, não quero dizer-lhe, com isso, que não devemos comprar nada para nosso bebê... Precisamos, sim, de um enxoval e se temos condições financeiras de comprá-lo assim devemos fazer. Quero salientar, tão somente, que não iremos transferir ao nosso bebê todas as tensões que os adultos têm em busca de “status” ou posicionamento social, pois ele disso não precisa e essa não pode ser a sua educação de berço.

- Você me convenceu. Vamos procurar outra loja. O “Recanto do Nenê” é caríssima.

Enquanto meus pais conversavam na porta do estabelecimento, pelas minhas contas, uns cinco casais que ouviram o inflamado discurso de mamãe deixaram de entrar na famosa loja. Mas Lúcia estava certa. Tanto a riqueza quanto a pobreza materiais representam provas ou expiações aos encarnados e devem ser bem vivenciadas. Há dificuldades em ambas. Enquanto o rico deve buscar evitar o egoísmo e o individualismo que o acúmulo de bens pode proporcionar, o pobre deve saber resignar-se e acatar com humildade os desígnios divinos. O amor - sentimento que a todos

encanta - pode ser usufruído por qualquer classe social. Mamãe pretendia mostrar a Adamastor que o meu enxoval não poderia servir de pretexto para darem vazão ao materialismo e ao desperdício, que seriam manifestação do egoísmo.

Outra loja recebeu meus queridos pais e muitas roupinhas lindas eu ganhei naquele dia. Berço, banheira, talco, chupeta, fraldas, mamadeira, lençóis, travesseirinhos, fronhas decoradas, agradáveis módulos de bichinhos, enfim, muitos acessórios para complementar o principal: eu. Acima de tudo, eu gostei de vê-los escolhendo peça por peça com tanta ternura, o que demonstrava o carinho e a atenção que dispensavam a mim.

O amor dos pais a seus filhos é mesmo o melhor “enxoval” que um bebê pode almejar. Eu garanto!

Fragilidade de sentimentos

Caminhávamos pela Avenida Ipiranga, no centro de São Paulo, Lúcia, Adamastor e, naturalmente, eu. A gestação entrava no seu terceiro mês e papai levava mamãe para uma volta naquela tarde de domingo, aliás como costumavam fazer habitualmente. Chegamos na esquina da Av. São João e, orgulhosamente, eu já me sentia participante da vida paulistana, como se nascido estivesse.

Em determinado momento de nosso tranquilo passeio, Lúcia começou a chorar.

- O que aconteceu, meu amor? Você está passando bem? - perguntou, preocupado, Adamastor.

- Não sei, meu querido. Subitamente, senti uma estranha vontade de chorar e cá estou eu dando vexame em plena rua... (choro)

- Mas deve existir alguma razão para isso... Ninguém chora à toa.

- Não sei o que me acontece. Há dias estou assim. Tudo me preocupa, inclusive o nosso futuro... o nosso bebê. Será que tudo vai dar certo? Será que poderemos desempenhar bem a nossa parte na educação dessa criança? Seremos bons pais? Ele terá o carinho que merece? Saberemos amá-lo e continuar mantendo, entre nós, um relacionamento sintonizado? Ah, Deus, não sei o que nos pode ocorrer...

- Lúcia, você está exagerando. Não pode discutir o futuro da maneira ampla como acaba de fazer. Não sabemos, ainda, como vamos agir, mas

certamente será da melhor forma possível. Precipitar em demasia decisões que estão além do nosso alcance é inadequado. Pode representar, até, irresponsabilidade de nossa parte.

- Você parece não me compreender. Sinto-me perdida e desamparada.

- Não tive essa intenção. Você sabe que estou e estarei sempre ao seu lado, mas desejo vê-la controlada. A gestação se desenvolve e a sua tranquilidade será ingrediente fundamental.

- Não vejo desse modo. Acho que você está despreocupado demais. Assim não vai dar certo! Temos que estar unidos neste momento.

- Sem dúvida! Entretanto, você deve acalmar-se e não exigir que eu me descontrole.

- Absolutamente. Quem não está ligando para fatos tão relevantes é você...

Essa era mais uma das discussões de meus pais. Ao aproximar-se a data do meu nascimento, mamãe foi ficando mais sensível e chorava por qualquer motivo. Nessa época, para minha sorte, papai teve uma paciência insuperável. As mulheres grávidas normalmente ficam mais frágeis porque o organismo feminino altera o seu metabolismo em face da ação constante dos hormônios. Assim, estando com os sentimentos aflorados, a tendência pode ser chorar com facilidade ou perder o controle emocional. Apresenta-se, por vezes, com um comportamento diferente daquele que costumava ter antes de engravidar. Para superar essa fase, basta um pouquinho de paciência do companheiro, dos parentes e dos amigos e tudo termina bem.

Passado algum tempo, tornei a presenciar cenas de instabilidade emocional dentro de casa.

- Lúcia, meu amor, onde estão os meus sapatos pretos com fivela dourada?

- Eu não posso saber onde estão seus sapatos. Você é responsável por eles. A culpa não é minha se eles sumiram...

- Calma, querida, eu apenas lhe perguntei porque você poderia tê-los guardado em algum local específico.

- Eu? Tudo o que acontece de errado nesta casa é culpa minha (choro). Eu não sei mais o que fazer para contentá-lo - arrematou Lúcia, saindo para o quintal e deixando papai atônito.

Confesso que também fiquei surpreso, pois não havia motivo para aquela reação. Adamastor, por sua vez, sempre esteve calmo e compreendia o estado emocional de Lúcia.

Durante a gravidez, meus pais enfrentaram alguns momentos difíceis que, no entanto, eram peculiares a todo casal. Uma das causas de desavença foi o seu relacionamento amoroso. Papai reclamava que mamãe o abandonara, em nome de sua gestação, o que era negado por Lúcia. Na verdade, pelo que eu podia constatar, a chegada de uma terceira pessoa na família estava abalando um pouco a estrutura do casal. Ambos deveriam saber dividir o espaço que antes lhes era privativo, repartindo inclusive os sentimentos. Não deve jamais existir competição entre o bebê e o papai, na disputa pelo amor da mamãe. Basta um pouco de paciência para, ultrapassada a fase inicial de adaptação, o casal poder continuar com sua sólida relação, recebendo com amor o mais novo integrante da família.

A participação de vovó Emília para contornar as crises emocionais de Lúcia foi decisiva. Suas orações e sua bondade conseguiram reconduzir mamãe ao seu equilíbrio normal e a situação em casa estabilizou-se.

Quando a data do parto aproximou-se, outro ponto de discórdia invadiu o nosso sossego.

- *Meu querido, já estamos tão próximos do nascimento. Estou bastante ansiosa. Minha mãe acredita que será um menino. E você?*

- *Tanto faz para mim. Menino ou menina eu gostarei do mesmo modo...*

- *Você promete que irá cuidar do bebê junto comigo?*

- *Logicamente, Lúcia. Quando você quiser eu poderei olhá-lo por alguns minutos.*

- *Não é bem isso que eu pensava... Preciso de alguém para ajudar-me, de fato, a cuidar da criança.*

- *Está bem, eu dou a mamadeira de vez em quando. Só não saberei prepará-la... Você sabe, homem não entende dessas coisas.*

- *Não senhor, eu não sei. Que mal há em ajudar a trocar uma fralda, dar um banho ou colocar uma roupa? Você é bem capaz de fazê-lo, basta querer.*

- *Mas Lúcia, meu pai nunca colocou a mão em mim quando eu era um bebê. Isso é coisa de mulheres.*

- *Ah, então é isso! Trauma infantil. Seria bom você esquecer esse lapso de seu pai e arregaçar as mangas. Tenho certeza que o nenê vai apreciar...*

Agora dou razão a Lúcia. Papai tinha que colaborar, pois o seu compromisso comigo nascia no mesmo instante que o de mamãe. Ajudar a trocar uma fralda, dar um banho ou fazer a mamadeira, quando necessário, simboliza a participação do pai e exterioriza o seu amor pela criança. Embora a mãe acabe encarregada do maior número de tarefas na criação do bebê, a colaboração paterna representa um avanço inestimável para a união que se estabelece entre pai e filho, desde o primeiro minuto de vida. Enquanto acompanhava a conversa dos dois, permanecia vibrando: “Vamos lá, Adamastor! Coragem! Eu prometo ajudar quando formos trocar uma de minhas fraldas...”

Nove meses de gestação podem parecer muito pouco tempo se comparados ao número de anos que se tem pela frente no mundo material após o nascimento. Entretanto, não se pode esquecer da importância desse estágio na vida familiar. São os primeiros contatos entre pais e filhos, representando a semente germinada de uma planta que está crescendo com muito amor. Exercitar a paciência e manter viva a fé torna menos árdua essa caminhada que o casal vivencia durante a gravidez. Compreensão mútua pode sanar qualquer divergência e o cultivo do amor em todas as horas do dia pode ser o bálsamo que eventuais mágoas esperam para tornarem-se parte do passado e jamais provocar qualquer ruptura entre os futuros papai e mamãe.

Acompanhando com entusiasmo esse período de minha vida material, pude constatar que os sentimentos podem ficar mais frágeis ou sensíveis durante a gestação, causando alguma instabilidade entre o casal. Mas, esse período de adaptação é essencial e quando o bebê nasce tudo já pode estar superado. Além disso, a participação do papai nos cuidados com o filho recém-nascido também é indispensável para fortalecer o relacionamento familiar. Prova disso eu obtive quando Adamastor trocou minha primeira fralda. Ele ficou tão emocionado que não se conteve e chorou. Eu também chorava, mas não era bem de emoção, afinal, ele me espetou umas três vezes com o alfinete. O que vale, no entanto, é a intenção...

Lembranças natalinas

Nascia um dia ensolarado na pacata rua onde morávamos em São Paulo e Adamastor saiu às pressas da cama, sem ao menos esperar o despertador tocar. Mamãe ainda dormia a sono solto, quando o carro de papai deixava a garagem, tomando rumo ignorado.

Pela pequenina estrada de um sítio, nos arredores da metrópole, o automóvel sacudia como se estivesse percorrendo um colchão de molas e Adamastor não perdia o bom humor, sempre cantarolando cantigas natalinas, antecipando, portanto, o clima da noite do dia 24 de dezembro. Faltavam ainda quinze dias para o grande evento e eu já havia decorado todas as modinhas que papai inventou para cantar aos sobrinhos quando chegasse o Natal.

No final de uma longa descida, avistava-se uma pequena casa, volteada de arbustos e repleta de coloridas flores em torno de sua cerca. Era um chalé branco, com o telhado vermelho e sacadas nas janelas, onde se encontravam floreiras, num estilo germânico. Papai estacionou bem em frente à casa e foi recebido com entusiasmo pelo proprietário.

- *“Herr” Meier, que prazer imenso tornar a vê-lo. Percebo que está bem de saúde e, como sempre, não mudou nada.*

- *Adamastor, meu jovem, há anos tenho a felicidade de reencontrá-lo às vésperas do Natal. Você já não consegue viver longe de meus enfeitados pinheirinhos, não é?*

- *Eu cresci à sombra da sua árvore de Natal, “Herr” Meier. Agora, já não posso considerar o ambiente natalino de forma diversa. Quero que meu filho, que está para nascer, possa um dia comprar seus maravilhosos pinheiros para enfeitar também o seu lar.*

- *Deixe disso! Já estou velho e não vou durar para sempre. O seu avô já o trazia aqui quando você era apenas um bebê. Que bela é a vida! Você está crescendo e vai ter um filho. Sinto-me bisavô, apesar de nunca ter casado. Vivo para minhas plantas e continuo amando a Natureza como se fosse a minha esposa.*

- *É um romântico, “Herr” Meier. Sem as suas plantas, nossa casa em São Paulo não seria a mesma o ano todo e minha mãe jamais iria viver sem as flores que o senhor planta em seu jardim toda primavera.*

- *É um prazer servir à sua família, constituída por pessoas honradas. Este país é maravilhoso e todos me receberam muito bem quando cheguei ainda pequenino da Alemanha, acompanhado de meus pais.*

- *Que entusiasmo! Fico feliz em tê-lo aqui conosco. Podemos escolher um belo pinheiro para este Natal?*

- *Sem dúvida, Torzinho...*

Achava que somente mamãe chamava papai por esse carinhoso apelido. Descobri que estava errado, pois o Sr. Meier se dirigia a ele da mesma forma. Era um tratamento afetuoso de quem o vira crescer.

Escolhido o pinheiro, Adamastor o acomodou no carro e despediu-se calorosamente do velho amigo.

- *Preciso ir, “Herr” Meier. Agradeço pela linda árvore e também pelo suco de maçã, que somente o senhor sabe preparar e servir, como se estivéssemos em Munique.*

- *Deixe de lado a lisonja. Você é um bom rapaz. Gostaria de conhecer o seu filho. Traga-me a criança quando ela nascer, está bem?*

- *Fica prometido. Quando o bebê completar um mês de vida, viremos visitá-lo, já que o senhor recusa-se terminantemente a passar o Natal conosco todos os anos.*

- *Se eu fosse, como ficariam as minhas plantas? Jamais poderia abandoná-las. Mas não se preocupe comigo. Na noite de Natal eu saio a caminhar pelo campo e toda a Natureza compartilha comigo o amor universal, dirigido a todos os povos e que semeia a esperança de Jesus em nossos corações. As estrelas do céu belo e vibrante iluminam os meus passos e, às vezes, chego a caminhar até o amanhecer. Quando o dia 25 chega, finalmente, vou à vila mais próxima e presenteio os habitantes com mudas, especialmente aquelas que produzem as mais lindas flores. Volto feliz à minha casa, pronto para aguardar, então, a chegada do Ano Novo.*

Lágrimas nos olhos, um abraço apertado e votos de um breve reencontro findaram aquela manhã agradável no sítio do Sr. Meier. Papai voltou logo para casa, especialmente empenhado na montagem de nossa árvore de Natal.

Lúcia o recebeu ainda na porta e contou-lhe algumas novidades.

- *Torzinho, que árvore linda! “Herr” Meier outra vez surpreendeu-me... Achei que não poderia haver pinheiro mais belo do que o do ano passado.*

- *É verdade, ele sempre nos prepara surpresas inigualáveis.*

- *A propósito, eu também tenho uma surpresinha para contar-lhe.*

- *Diga, então, estou curioso...*

- *Minha mãe ligou hoje cedo e disse que virá ceiar conosco. Não é ótimo?*

- *Sem dúvida. Mas, qual é a surpresa?*

- Sua mãe também ligou e fez o mesmo...

- O que? Mamãe? Aqui em casa? Mas ela estava com as malas prontas para passar o Natal em Nova York, aliás, como faz todos os anos, desde que eu nasci.

- Eu sei, mas ela argumentou que deseja “curtir” o futuro netinho e virá ceiar conosco...

- Lúcia, você tem ideia do que isso pode causar? Unir nossas duas mães num único local, por várias horas, sem saídas de emergência e portas de incêndio é um verdadeiro suicídio.

- Eu sabia que você iria gostar da surpresa. Enfim, acho que devemos nos preparar, pois Dona Estela vem aí.

- Sinto que este será o Natal do século.

Até que não era má ideia uma festa em família, mormente havendo a previsão de ser o evento do século. Afinal, eu estava para nascer. Por que papai estaria tão preocupado e mamãe fez um clima de mistério para contar-lhe? O que poderia haver de errado numa simples confraternização familiar?

Eram 18 horas do dia 24 de dezembro e mamãe recebeu um interessante telefonema.

- Meu doce, nós estamos nos preparando para ir à sua casa, porém gostaríamos de saber se Adamastor já contratou os seguros. Sabe, eu não posso ter surpresas desagradáveis, pois seu pai acabou de adquirir um carro novo, último tipo, importado, é lógico, de um azul mais belo que o céu de Paris... Uh lá lá! Eu, minha querida, não posso deixar em casa as minhas joias, pois tirei-as do banco esta manhã e não confio nos empregados. Preciso levá-las comigo. Então, o meu filho já providenciou tudo?

- Bem, Dona Estela, eu acho melhor a senhora conversar com ele diretamente. Eu não sei responder-lhe esta indagação... Adamastor saiu e deve voltar dentro de alguns minutos.

- Eu não posso ligar outra vez, meu amor. Estou entrando em meditação e meu mestre de ioga recomendou-me máximo repouso antes de um evento festivo. Não é bárbaro? A nossa conversa está ótima, mas eu devo desligar... Mestre Lin Pen está chamando. Transmita ao meu filho as minhas recomendações. Até mais tarde... Ah, a Lourdes estará disponível para nos receber? Eu tenho tantos presentes para as crianças que não conseguirei carregar do carro até a porta de sua casa. Adeus, querida.

- Eu transmitirei o recado, Dona Estela, até mais tarde...

Não houve tempo para Lúcia balbuciar as palavras de despedida, pois vovó Estela desligou o telefone. Comecei, naquele exato instante, a compreender o porquê da preocupação de papai com relação ao Natal. Duas famílias de hábitos e costumes diferentes iriam, pela primeira vez, passar as festividades natalinas juntas. A contar pelas exigências de vovó Estela e pela simplicidade marcante de vovó Emília haveríamos de ter uma noite significativa pela frente.

Os meus avós chegaram ao mesmo tempo, por incrível coincidência. Vovó Emília preparava-se para bater à porta quando o carro de vovó Estela dobrou a esquina. O barulho da buzina era tão alto que mamãe e papai jamais iriam ouvir o apelo da campainha. Desconfortada, vovó Emília deteve-se e aguardou.

- Como vai Estela? Feliz Natal! Ainda bem que chegamos juntas, não é?

- Desculpe-me, mas eu a conheço? Sinceramente, não me recordo.

Vovó Estela tinha alguns “lapsos” de memória que, por vezes, eram meios de mostrar o seu desprezo pelas pessoas para com as quais não tinha

consideração. Vovô Augusto não gostava dessa atitude e logo interferiu:

- *Estela, esta é Emília, mãe de Lúcia. Nós a encontramos no casamento de nossos filhos. Lembra-se?*

- *Oh, que distração a minha! Perdoe-me. Como está, minha querida?*

- *Eu vou muito bem. Fico feliz por estarmos todos juntos neste Natal.*

- *É verdade! Trata-se de um momento histórico, pois normalmente eu passo meus “natais” em Nova York.*

Antes que os ânimos ficassem alterados, Lúcia e Adamastor abriram a porta e receberam meus avós. Quando duas pessoas se casam, as famílias se unem também. Os relacionamentos tornam-se, então, mais complexos e há necessidade de uma dose extra de paciência de todos, para que a convivência seja agradável e promissora.

Enquanto vovô Augusto conversava com vovô Ernesto, minhas avós foram para a cozinha onde mamãe se encontrava.

Aproximava-se o momento da ceia e do brinde de Natal e todos nós já tínhamos ouvido vovó Estela contar, pela décima vez, a sua última viagem ao exterior. Adamastor dormia a sono solto no sofá próximo à abandonada lareira, pois era uma noite quente de verão. Os discos com cantigas de Natal revezavam-se na vitrola sem parar, proporcionando um artificial clima de festividade. Lúcia ouvia atentamente as peripécias de vovó Estela e Lourdes colocava a mesa com minhas tias e com vovó Emília. Alguns de meus primos aprimoravam-se em destruir a árvore de Natal, já que os donos da casa estavam distantes dos acontecimentos.

Outra vez mais, compreendi parte das dificuldades do mundo material. As pessoas ligadas pelos laços de família são obrigadas a conviver num mesmo cenário, muitas vezes apresentando uma ternura artificial e uma postura formal, distante do verdadeiro amor e da sincera amizade. Sabia, no

entanto, que isso fazia parte da Justiça Divina que colocava, face a face, sob outros invólucros materiais, inimigos do passado. A reencarnação, em uma mesma família, de antigos algozes e vítimas pode causar esses distúrbios tão comuns no ambiente familiar. A importância, pois, de cultivar o amor no lar e superar as divergências que eventualmente surjam é caminho essencial para a reforma íntima e para o progresso espiritual.

Lourdes anunciou que a ceia estava servida. Sentaram-se todos e, antes mesmo que papai pudesse erguer qualquer tipo de brinde, vovó Emília sugeriu que se fizesse uma prece e uma vibração envolvente, aproveitando o espírito de Natal. A contragosto, vovó Estela fechou os olhos, estampando um leve contorcer nos lábios, que fixava a sua desaprovação por aquele momento “místico” - no seu entender - que Emília protagonizava.

Os presentes fizeram tocante vibração natalina. Um brilho de luz dourada invadiu a sala, servindo para harmonizar o ambiente e também permitindo que Mentores Espirituais utilizassem essas cargas magnéticas positivas para resgatar muitas entidades inferiores que ainda se encontravam perdidas vagando pela crosta terrestre.

Encerrada a prece, iniciaram a ceia e eu fiquei observando o brindar das taças e cálices, o tilintar dos talheres e o palavreado de todos, àquela altura envolvidos em muito amor. Cheguei à conclusão de que minha jornada estava ligada àquelas pessoas e eu deveria contribuir para a evolução espiritual de cada um, inclusive a minha. Aproximei-me de todos e abracei-os um a um. Senti que alguns se arrepiaram e outros sequer notaram a minha presença. Não faz mal, pois essa foi a melhor forma encontrada para desejar-lhes, de coração, um feliz natal.

Gêmeos

Por volta do sétimo mês de gravidez, Lúcia já estava com uma imensa barriga e todos indagavam se eu não teria um irmãozinho. Gêmeos! Um sonho para muitas mães e um pesadelo para outras. Preocupada, mamãe procurou a sábia orientação do Dr. Marcelo.

- Não - respondeu ele - Trata-se de um só bebê, fique tranquila! Muitas mães, na primeira gravidez, por não estarem acostumadas com o volume uterino, nem com a dilatação do ventre, acreditam que estão esperando gêmeos.

Fiquei mais sossegado. Afinal, eu não poderia ter passado tanto tempo acompanhado e não ter percebido. Surgiu-me, no entanto, uma dúvida, que deve ter sido a mesma de mamãe. Por que o Plano Superior envia, às vezes, duas ou mais crianças, em vez de uma só por gestação?

Começamos a refletir juntos e Lúcia adormeceu. Deixei, então, a sua companhia e aproximei-me de meu querido mentor, que me explicou com paciência e detalhadamente o que eu desejava saber.

Há várias hipóteses para a concepção e o nascimento de gêmeos. Alguns casais são reticentes e não desejam ter filhos. Quando resolvem, estipulam um número: “no máximo, um”. Outros, porém, já tendo dois, fixam rigidamente: “agora, só mais um”. Havendo uma programação para o casal receber como filhos um determinado número de Espíritos, o Departamento de Reencarnação de uma cidade espiritual resolve interferir.

No instante da concepção, através dos médicos da Espiritualidade, espermatozoides são colocados em óvulos. Assim, garante-se a reencarnação — tão necessária — dessas entidades.

Por outro lado, há casais que estipulam um número flexível de filhos e não se importam com a vinda de dois ou três, por exemplo. Talvez, nesse caso, até o quarto ou quinto seriam bem-vindos. Nesse caso, a Espiritualidade Superior, aproveitando essa disponibilidade, envia mais de um Espírito para o reencarne.

Ainda outras hipóteses existem, do ponto de vista daqueles que irão reencarnar. Há entidades que são inimigas figadais de longa jornada. Avaliações das Coordenadorias Especializadas da colônia espiritual indicam que uma das melhores maneiras de buscar sanar essa rivalidade profunda entre os dois seres é colocando-os juntos sob o mesmo teto, dentro da mesma família. Surgem, pois, os gêmeos.

A vivência desses gêmeos (antes inimigos), no útero materno, tão próximos e vivenciando as mesmas emoções, preparando-se para amar a mesma mãe e o mesmo pai, aprendendo a encarar o mundo do mesmo modo e, acima de tudo, partilhando o mesmo alimento e respirando o mesmo ar, serve-lhes de base sólida para um regenerar promissor. Quando reencarnados, eles saberão suportar juntos as provas que lhes estão reservadas e poderão, pela boa utilização do livre-arbítrio, vencer barreiras e ampliar horizontes. Não é à toa que gêmeos, de regra, têm bom relacionamento e por vezes os mesmos gostos. A própria semelhança física faz com que sejam cúmplices nos caminhos que a vida lhes apresenta. A proximidade que não tinham no seu passado, quando foram adversários, são obrigados a vivenciar no presente e no futuro. As chances de recuperação são imensas.

Esse tipo de reencarne pode ocorrer de forma dupla (gêmeos), tríplice (trigêmeos) ou em maior número, respeitada a capacidade física da mãe.

Assim, algumas vezes o surgimento de gêmeos em famílias acontece por intervenção do determinismo do Alto, que impulsiona ao reencarne vários filhos ao mesmo tempo, mesmo que o casal não queira.

Outras vezes, a flexibilidade e o preparo dos pais na senda do amor permite à Espiritualidade Superior determinar a reencarnação de mais de uma entidade ao mesmo tempo, pois essa decisão está de acordo com o livre-arbítrio do casal de receber quantos filhos puder.

Em uma terceira hipótese, atende-se ao objetivo de reconciliação entre inimigos do pretérito, através da união íntima proporcionada desde a convivência no útero materno e, depois, por vários anos da vida, o que é extremamente valioso.

Muitos interesses são atendidos no momento em que ocorre a concepção de uma criança. A regra, no entanto, é que os gêmeos devem sempre ser bem-vindos pois existe uma razão divina por trás de sua chegada. Logicamente, todo ser que reencarna possui a mão de Deus abençoando-o. No caso de gestações múltiplas existe uma particularidade nesse relacionamento, a ser levada em consideração no momento em que os pais recebem a notícia de que receberão mais de um filho ao mesmo tempo. Eu faço uma sugestão: basta redobrar a dose de amor.

Tive uma gestação tranquila. Meus pais me amavam muito e a família aguardava ansiosa a minha retumbante chegada. Seria eu o primeiro filho de Adamastor e Lúcia.

Apesar de todo esse envolvimento positivo, eu tinha por missão levar ao coração endurecido de papai um pouco de luz, despertando-lhe o amor a

Deus. Deveria, também, ajudar a consolidar a união de Lúcia e Adamastor, vovó Emília e vovó Estela, além de representar ao restante da família um ponto de apoio espiritual.

Outros filhos, meus pais somente iriam ter quando eu partisse. E, por livre opção, meu desencarne do mundo físico seria triste e precipitado, no entender dos encarnados. Não por acaso, pois terminou servindo para abrandar a rigidez de Adamastor que se recusava a ter mais de um filho. Ele, com muito custo, permitiu o meu nascimento, já que, por razões egoísticas, preferia viver só com mamãe. A minha vinda abrandou-lhe o coração e a minha partida, de vez, quebrou-lhe as resistências. Eu representei para ele, ao longo de dez anos, amor e amizade, sentimentos que jamais tinha conhecido integralmente. Filhos servem para dar força aos pais. Ensinam-lhes que os sentimentos não têm um limite. Por um filho os pais são capazes de superar o amor próprio e de repartir a vida e os sonhos, são obrigados a dividir o teto e compartilhar a mesa. Por uma criança, os pais incentivam-se a lutar ainda mais por seus ideais e, em verdade, renovam as suas esperanças.

Quando deixei o mundo material, Adamastor já havia compreendido que a vida de um casal sem filhos não é plena de amor e satisfação. Por tal razão, eles chegaram a gerar outras crianças e também a adotar algumas. Adamastor despreendeu-se mais dos bens materiais e passou a ver em Deus a verdadeira força que move a vida.

Durante dez anos de convívio, conseguimos viver juntos uma amizade tão forte que papai, quando me fui, não se revoltou contra Deus. Ao contrário, pediu que me abençoasse quando *ao céu eu chegasse*.

Não cheguei a ser um missionário. Tive meus erros, apesar de cometidos na fase infantil, quando a responsabilidade do encarnado é pequena. Ao

deixar o plano físico com dez anos de idade, colecionei poucos desvios e alcancei a felicidade de retornar, com sucesso, à minha querida Alvorada Nova.

A vida verdadeira é a espiritual. Quando parti, Lúcia chorou de saudade, mas jamais cansou de dizer que fui abençoado, pois iria para um lugar de muita luz e tinha terminado a minha jornada na Crosta porque tive merecimento para tanto. Ela não fugiu à realidade, pois todos os jovens que, prematuramente - no dizer dos encarnados - deixam a veste corpórea, ingressam, sorridentes, no plano espiritual. Há inúmeras razões, sempre elevadas, para determinar o desencarne de uma criança ou de um adolescente. Mas, no plano espiritual, essa interrupção é sempre vista com otimismo. Traz àquele que desencarna um imenso apoio por parte das equipes socorristas de uma cidade espiritual. Permite - na maioria das vezes - um saldo positivo ao Espírito que retorna. É uma das provas mais difíceis que os pais costumam enfrentar e, se forem vencidas com resignação, podem proporcionar imenso progresso ao casal e também aos familiares. Enfim, bons frutos advêm de desencarnes prematuros, embora a maioria dos encarnados ainda não entenda assim.

Quando deixei meus pais, percebi que Adamastor conseguiu aprimorar a sua reforma íntima e renovou-se interiormente. Lúcia, por seu turno, consolidou o imenso amor que já lhe era inerente e aumentou a sua força e a sua fé. Vovó Emília reiterou a si mesma os valores espíritas que sempre nortearam o seu caminho, enquanto vovó Estela, um pouco perturbada, deu um basta a tanto desperdício com suas aventuras materialistas e passou a refletir sobre a vida como nunca fizera antes. Inúmeros outros amigos e parentes, que sofreram junto à minha família, aprenderam valores que desconheciam.

A Sabedoria Divina supera, sem qualquer dúvida, o nosso esclarecimento e o entendimento que temos sobre o mundo. Muitas lições nos ensinam que devemos confiar a Deus o nosso destino, sem preocupação extremada com o dia de amanhã. Certamente, todos devem trabalhar para construir um futuro promissor, seja no campo material, seja no tocante aos valores espirituais.

O Plano Superior conhece bem os passos adequados ao nosso caminhar. Sofrimentos, enquanto estamos no plano material, devem ser bem-vindos, pois representam o caminho para a felicidade futura que tanto almejamos. De que adianta uma vida material repleta de efêmera e mascarada felicidade, com alegrias que contentam o corpo, mas infelicitam o espírito na sua essência, se depois haveremos de arcar com os débitos? Imaginemos a vida no plano físico como um estágio para conseguirmos preparo suficiente que nos habilite a ingressar na vida definitiva com o coração purificado.

Os filhos que Deus envia e eventualmente leve embora em tenra idade são dádivas, oportunidades de regeneração, provas que os pais devem suportar, resignados. Acatando com humildade a Sabedoria Divina, cada ser humano não se revoltará contra a Espiritualidade Superior e não carregará para si maiores dívidas. Conformando-se com a transitoriedade da vida física, todos saberão da importância de bem viver cada prova, por menor que ela seja, além de assimilar com tranquilidade cada expiação.

O segredo de um reinício promissor no plano material é dar a mesma atenção à gestação que os pais costumam dedicar ao filho após o nascimento. Lúcia, Adamastor e eu formávamos uma família desde os primeiros minutos de minha concepção, porque o amor nos unia. Nada poderia ser mais belo. Nenhum sentimento poderia ser mais pleno. Eu

estava feliz. Assim foram os meus nove meses de vida uterina, a certeza de outros dez anos de maravilhosa convivência com meus amorosos pais.

O meu renascer

Quando completei meus nove felizes anos de vida, era o orgulho de meus pais, a alegria de meus avós e a “vida” da casa, como Lourdes considerava. Levantei-me ansioso e segui para a escola. Lúcia havia preparado duas festas comemorativas de meu aniversário. Uma seria destinada aos amigos no colégio e outra, à noite, visava receber meus familiares para o abraço natalício. Qual criança não ama profundamente o seu dia de aniversário? Receber presentes e, especialmente, o carinho e a atenção especial dos pais e dos amigos é um bálsamo para qualquer garoto nessa idade. Os adultos muitas vezes tornam-se verdadeiras crianças quando essa data anual chega.

Há diferentes formas de se comemorar um aniversário: com ou sem presentes, com ou sem festas. Um só elemento, no entanto, jamais deve faltar: amor. A data do aniversário em si mesma não quer dizer nada, já que dia a dia todos ficam mais velhos.

Entretanto, nessa ocasião, existe o especial desejo de transmitir *amor*, sentimento fundamental para impulsionar os seres à evolução verdadeira. Lembrar o dia do aniversário, desejando felicidades, dando um abraço ou um beijo, manifestando amizade e boas vibrações, enfim, transmitindo bons fluidos, é conduta importante no relacionamento dos encarnados. Não é o presente que simboliza o aniversário, mas o amor com que ele é dado. Não é a festa que pode representar um dia feliz, mas sim o amor com que ela

realiza-se. É também um bom dia para reatar uma amizade perdida, para refazer laços rompidos e, talvez até para regenerar um inimigo.

Nesse dia tão importante saí contente de casa e logo pela manhã estava irradiando sorrisos a todos. Meu pai levou-me à escola. Conversamos muito durante o trajeto e ele chegou a lembrar aquele fatídico dia do meu nascimento, quando ele cortou o trânsito de São Paulo para chegar a tempo à maternidade para, depois, eu acabar demorando muitas horas para criar coragem e nascer. Eu adorava essas histórias a meu respeito.

Toda vez que papai e mamãe contavam-me trechos de minha infância eu vibrava, pois isso simbolizava o amor que eles nutriam por mim. Eu costumava achar que as vivências ruins deveriam ser esquecidas, razão pela qual, quando eles lembravam o meu passado, sentia-me reconfortado.

Em poucos minutos chegamos ao colégio. Desci do carro e carinhosamente recebi de meu pai um beijo na testa. Ouvi, outra vez:

- Ei, meu herói! Feliz Aniversário! Não gaste todas as suas forças durante o dia pois à noite teremos outra festa, está bem?

Pai é pai. Junto com o cumprimento de aniversário há o brinde: uma recomendação importante. A propósito, Adamastor chamava-me “meu herói”. Eu nunca soube o motivo, mas sempre gostei do tratamento carinhoso.

Entrei na sala de aula e, passadas algumas horas, pedi licença à professora pois desejava ir ao banheiro. Autorizado, segui a passos largos e busquei aliviar-me. Terminei, satisfeito. A partir daí, começou uma nova fase em minha vida. Olhei para baixo e, com certo temor, constatei que só havia sangue no vaso. Trêmulo e vacilante, apoiei minhas mãos na parede e olhei novamente. Não estava sonhando e algo de muito estranho estava acontecendo comigo.

Um pouco choroso, amedrontado, voltei para a classe e chamei minha professora, contando-lhe o ocorrido. Imediatamente, fui levado à diretoria e meus pais foram chamados ao colégio. Acredito que Adamastor e Lúcia jamais iriam supor que o nosso dia a dia estava mudado com um simples telefonema.

Alguns dias depois, Lúcia e eu estamos sentados num pequeno sofá, colocado estrategicamente num canto do imenso saguão que compunha a entrada do laboratório de análises clínicas. Eu olhava fixamente para um vaso contendo gerânios e divagava, dentro de minha inocência, a respeito da vida e do seu valor para Deus. Já tinha noções claras do Cristianismo, transmitidas por mamãe desde o berço. Imaginava que aquelas flores, naquele momento ao menos, poderiam ser mais felizes que eu àquela altura abalado por uma desconhecida doença. Lúcia parecia ter adivinhado os meus pensamentos.

- Por que você olha fixamente para aquelas flores, Caio? Imagina que elas não têm problemas?

- E têm? Creio que não!

- Todos nós temos os nossos problemas pessoais, meu querido. As flores também. Elas estão presas no vaso, suas raízes espremidas pelas paredes de barro e suas pétalas refletem somente a luz da iluminação artificial... Talvez elas preferissem estar no campo.

Concordei de pronto e cedi ao impulso de reformular meus pensamentos. *Aquelas flores não eram tão felizes assim.*

- Então as flores do campo não têm problemas... - arrematei convicto contra Lúcia.

- Está enganado! E o sol tórrido a secar-lhes a terra? As abelhas que lhes retiram o pólen? As chuvas abundantes que desfolham o seu caule e

fazem-lhes cair as pétalas?

Percebi a intenção de mamãe e afastei o meu pensamento dos gerânios. Realmente, cada um de nós tinha suas próprias dificuldades a vencer e esse sempre foi o encantamento da vida. Estávamos todos juntos num imenso barco navegando rumo à evolução.

Ao desviar meus olhos do vaso, chegou o aviso tão aguardado de que meu exame estava pronto. Mamãe, um pouco trêmula, pegou-o firmemente com ambas as mãos e partimos apressados em direção ao consultório do Dr. Marcelo.

Aguardamos alguns minutos. A secretária mandou Lúcia entrar e pediu-me que ficasse do lado de fora. Vacilei nessa ordem e tentei ingressar mesmo assim. Mamãe pediu-me com os olhos cheios d'água que a esperasse um pouco na antessala. Acatei com o coração angustiado.

Enquanto Lúcia estava dentro do consultório, vi papai chegando afobado.

- Ei, herói, como foi o jogo de ontem na escola? Estou ansioso para saber quantos gols você marcou, hein?

Não houve tempo para eu responder e ele entrou também na sala onde mamãe estava. Alguns minutos depois, Adamastor saiu e, pálido, tentando disfarçar o seu estado emocional, convidou-me para sair. Perguntei logo de mamãe e a resposta foi lacônica: ela iria ficar um pouco mais com o Dr. Marcelo. Fomos embora. Meu coração palpitava e pressentia alguma fatalidade aproximando-se. Lúcia, sensível que era, logicamente não estava controlada o suficiente para enfrentar os meus ansiosos olhos. Concordei em acompanhar papai... Apenas nós dois.

Chegamos a um imenso parque na zona sul de São Paulo. Passeamos vários minutos em silêncio pelas arborizadas alamedas. Entreolhávamo-nos

vez ou outra e, em determinado momento, papai segurou a minha mão.

- Caio, preciso falar com você...

A partir dali, já não precisava dizer mais nada: ou eu havia feito algo indesculpável ou a situação era mesmo grave. Ele nunca me chamava pelo nome.

- Filho, é preciso ser forte como mamãe e papai sempre lhe ensinaram. Você promete?

Senti minhas pernas e braços adormecerem. Meu corpo estava amortecido, mas servia-me de suporte.

- Sim, papai, eu prometo.

- Saíram os resultados de seus exames e você tem uma doença grave. Há chance de curá-lo, mas dependerá de muita luta. Estaremos juntos nisso, filho, e nada nos poderá separar nesse momento. Podemos contar com a sua coragem?

Respondi afirmativamente, mas percebi que os dez anos de aprendizado cristão a que fui submetido foram os alicerces dessa minha concordância. Não fosse a minha fé em Deus e o meu amor a Jesus, desde tenra idade, e acho que teria reagido de outra forma. Meu pai não esperava a minha serenidade e acabou perplexo.

- Meu filho, a sua atitude deixa-me orgulhoso. Cada vez mais aprendo a admirá-lo por sua postura serena e ao mesmo tempo forte.

Passamos mais alguns momentos no parque e resolvemos relembrar algumas de minhas travessuras infantis - um assunto que sempre me agradava. Ao longo da conversa, vez ou outra, surpreendia meu pai lacrimejando, mas fingia não perceber e ele logo buscava recompor-se. Ao meu lado, sentia um suporte invisível que, naquela época, achava ser o meu querido anjo protetor. Hoje sei que era a força insuperável de meu mentor.

Não preciso narrar os meus dias a partir daí. Lúcia, apesar de espírita, entrou em um período de profunda depressão. Minha doença era incurável e ela teria que aprender a lidar com a inevitável separação. Várias vezes ouvi meus pais dizendo que trocariam facilmente as suas vidas pela minha. Em alguns momentos de maior tensão emocional, algumas considerações eram feitas no sentido de que seria injusto o desencarne de uma criança de apenas 10 anos. Enfim, por maior formação cristã que mamãe tivesse - e ela realmente tinha - a expectativa de perder um filho provocava-lhe algum inconformismo. A ajuda de vovó Emília foi indispensável. Seus sábios conselhos, relembando a Lúcia a Justiça Divina e seu acerto absoluto, cauterizavam-lhe as feridas abertas.

Papai, materialista convicto, começou uma nova fase de sua vida. A perspectiva de ver-me desencarnando antes dele abriu o seu coração para o estudo do Evangelho e do valor da vida espiritual. Começou a ouvir com certo apego as lições da sogra e aplacou a sua ira contra a religião.

Dois meses após a notícia fatal, encontrava-me em pleno tratamento - doloroso e árduo - quando resolvi perguntar claramente a Lúcia se meu fim estava próximo. Ela tentou esconder, mas não conseguiu. Disse que o *fim* não existia e que a vida verdadeira era a do espírito. Portanto, jamais poderíamos falar em um fim. Deduzi que meu percurso não seria muito longo.

Embora eu tenha chorado algumas vezes, quando via o desespero de meus familiares e amigos, acredito que me torturei muito mais com o sofrimento que causava nos outros do que propriamente com a minha situação. A morte não me assustava, realmente. Eduquei-me, desde cedo, a acreditar em Deus e sentia o amor do Criador invadindo-me o coração, como os raios do sol penetravam o meu quarto todas as manhãs. Nada me

afastava a convicção de que os Espíritos também poderiam “jogar bola” comigo no céu ou nas cidades espirituais, das quais falava vovó Emília.

A minha dor cingia-se a um sentimento de culpa. Eu estava causando angústia e tristeza às pessoas que amava. Um dia, em prantos, procurei minha querida e inesquecível avó materna.

- Marinho, meu querido, não se deixe impressionar pelo inconformismo dos outros. Você está lutando contra uma doença que o castiga e vejo-o mais resignado do que muitas pessoas saudáveis que estão ao seu lado. Acredite na sua avó. Aqueles que verdadeiramente o amam devem compreender a importância desse período em sua vida. Mesmo que Deus o leve para junto Dele, nós todos temos que aceitar esse fato conformados. A vida espiritual é bela e verdadeira. De lá viemos e para lá todos nós seguiremos. Você sabe disso, não?

- Sei vovó. Mas por que estou sentindo tanta dor? Não seria mais fácil morrer de repente?

- Meu querido, o aprendizado é de todos. Qualquer enfermidade busca ensinar certos valores ao espírito, mas não só do enfermo. Os parentes e amigos devem aprender esses mesmos valores e o sofrimento é uma forma de amadurecimento espiritual e um modo de demonstrarmos que somos resignados aos Desígnios Divinos. Você consegue me entender?

- Acho que sim. Então não devo ligar para a tristeza ao meu redor?

- Você deve apenas compreender que as pessoas menos preparadas para entender a vida sofrem mais... Aceite esse fato, meu querido, mas não sofra com isso. Quando você estiver angustiado, faça aquela oração que eu lhe ensinei e chame o seu anjinho da guarda, está bem? Você se sentirá melhor.

- Eu vou morrer, vovó?

- Não sei, meu filho. Isso depende de Deus. Os médicos continuam lutando e ainda há esperança. Entretanto, Caio, lembre-se de que a vovó já tem muita idade e em breve vai morrer. Mas isso não me assusta, porque a morte é um fato natural e uma libertação para o espírito. Por isso, não se preocupe tanto. Vamos lutar agora pela sua recuperação...

Confesso que as palavras de vovó Emília eram um bálsamo para mim. Ela jamais mentia e nunca deixava de responder-me as indagações. Era honesta e pura, transmitindo-me o seu imenso amor. De que adianta enganar uma criança? Na minha idade eu já pressentia os fatos ao meu redor com uma precisão invulgar. Quando ouvia mentiras quanto ao meu estado de saúde ficava chateado, porque em vez de ser preparado a enfrentar uma realidade estava sendo levado a acreditar numa inverdade. A vida é a mesma para crianças e adultos. O mundo infantil, portanto, não se preenche com eternas fantasias e singelas mentiras. Com cuidado e atenção, a criança pode tomar conhecimento da verdade que a volteia sem que com isso possa traumatizar-se. Logicamente, tudo depende da criação desde o berço. Um preparo na senda cristã favorece muito a educação e o entendimento do mundo.

Após um ano de constantes cuidados médicos, eu estava debilitado e magro, porém exibia em meu semblante uma placidez que incomodava um pouco aqueles que iam visitar-me. Mamãe era obrigada a justificar aos amigos e parentes que eu estava realmente calmo e sereno e não dopado e amortecido por remédios. Normalmente, as pessoas esperam encontrar desespero no quarto de um hospital. Mas, no meu caso, quando viam esperança e tranquilidade em meu semblante acabavam achando que eu poderia estar alienado ou sob efeito de sedativo. Será que a morte do corpo físico ainda poderia causar tanto sofrimento aos encarnados? Quando o

mecanismo de evolução seria realmente compreendido? Essas questões, naquela ocasião, eram lançadas por vovó Emília nas suas orientações a meus pais.

O tempo fazia com que Adamastor, através do meu próprio exemplo de resignação, aprendesse uma importante lição. A vida somente tinha valor quando compreendido o seu lado espiritual. De que adiantaria viver dez ou oitenta anos se um dia a vida acabasse para sempre e nada restasse de cada um? Por que se arrastar em constante luta se o fim fosse definitivo?

Papai logo compreendeu que eu - seu filho e seu herói - não iria embora para sempre. Estava apenas passando de um lado da vida para o outro e, algum dia, iríamos nos reencontrar novamente. Lúcia, por sua vez, além do amor que me dedicava, passou a dar assistência voluntária também a um hospital vizinho de minha casa. O sentido da caridade soou-lhe mais profundamente no coração. Quando eu via meus pais alterando o seu modo de pensar e agindo diferentemente começava a entender o que vovó Emília queria dizer ao afirmar que uma doença não representa um mal para todos na família. Muitas vezes, a enfermidade sinaliza com a transformação e proporciona a real oportunidade de reforma íntima.

Viver com certa dificuldade, enfrentar uma doença fatal ou estar diante da morte significa para muitos uma crueldade sem limite por parte do destino. Para mim, o período de um ano e dois meses de constantes e dolorosos tratamentos começaram a simbolizar, apesar de minha pouca idade, um marco em minha vida, pois eu já tinha a certeza absoluta de que iria sobreviver a tudo e continuaria a viver em qualquer lugar que fosse do mundo espiritual.

O abalo em nossa família foi enorme. Vovó Estela partiu em viagem de emergência para a Europa e internou-se em uma clínica a pretexto de não

suportar a expectativa próxima de perda do único neto. Sua fuga, a meu ver, privou-me de conhecê-la melhor naqueles meus últimos meses de vida. Ela mesma impediu um momento tão importante em sua vida, que seria aprender com a realidade como se pode enfrentar e vencer não uma doença fatal, mas a desesperança e os sentimentos pessimistas.

Em minhas últimas semanas, comecei a receber a visita diária de meu mentor amigo. Sonhava com ele todas as noites e acordava fraco em meu leito, mas contava a todos esses nossos encontros. As enfermeiras gostavam de ouvir minhas histórias e riam bastante com as mensagens que eu dizia receber de meu “anjo da guarda”. Elas achavam que eu inventava tudo. Por vezes, papai entrava no meu quarto e eu estava cercado de médicos e enfermeiras que vinham de todas as alas do hospital para ver como um garoto de seus 10 anos enfrentava uma enfermidade fatal com tanta serenidade e fé.

Nesses momentos, Adamastor se aproximava de mim e carinhosamente segurava a minha mão, dizendo:

- Você entende agora porque sempre foi o “meu herói”?

Lacrimando de felicidade, finalmente entendi o sentido que papai empregava em sua maneira de me chamar. Acredito que conseguia transmitir a ele uma mensagem cristalina de amor e isso o fez transformar-se.

Meu derradeiro dia foi comum. Após quatorze meses de luta, com vários períodos de internação hospitalar, muitos parentes já não vinham visitar-me e os amigos há muito tempo não se lembravam de mim. Fiéis, estavam mamãe, papai e vovó Emília. Todos os dias, sem nenhuma exceção, eu os tive ao meu lado em meu leito. Nesse dia, não foi diferente. Uma febre

altíssima provocava-me convulsões algumas horas antes e, providencialmente, os médicos deram-me um forte sedativo.

Desenganado que estava e adormecido, não tive maiores obstáculos de aos poucos reconhecer a luz da equipe espiritual se aproximando de mim. Meus pais jamais exerceram qualquer tipo de pressão - através de súplicas ou preces fanáticas - para que eu permanecesse eternamente ligado à carne. Vovó, há muito tempo, orava pelo meu sereno desencarne.

No momento certo, senti-me flutuando no leito. Olhei para os lados e acreditei estar sonhando. Subitamente, comecei a ver o chão do quarto ficar distante e os semblantes de papai e mamãe sumirem de minha visão. Um pouco assustado, olhei para o alto e uma forte luz dourada se fez presente. Segundos depois, reconheci vozes amigas e um entorpecimento saudável e calmante envolveu-me. Serenei. E quando outra vez abri meus olhos já estava a caminho da cidade luz, minha querida Alvorada Nova.

FIM

Posfácio

O último capítulo começou com a narrativa envolvente das comemorações do nono aniversário de Caio Mário, demonstrando a importância de sempre buscar transmitir ao semelhante amor e solidariedade. Após, ingressa-se na parte relativa à sua doença, que, longe de representar um sofrimento e uma dor, significa outra oportunidade de vivenciar a fraternidade e as provas necessárias à evolução espiritual.

Doenças e doentes não podem ser tratados com discriminação ou preconceito. As enfermidades não existem e não surgem para castigar. Podem ser parte de uma expiação ou representar uma prova, não só ao doente mas também aos seus familiares e amigos. Nesse caso, quando o enfermo conseguir enfrentá-la resignado, estará dando um exemplo àqueles que estão ao seu redor, o que poderá significar uma oportunidade ímpar de reforma íntima para todos.

A fase de dor, ante a perspectiva da perda de algum ente querido, faz parte da compreensão que a vida material exige. Alguns deixam a Crosta subitamente e outros demoram a desencarnar, vivenciando por anos seguidos alguma doença incurável. Todas essas situações representam instrumentos divinos para submeter a provas ou expiações determinadas criaturas.

Caio Mário tinha uma missão de amor, que consistia em espalhar bons sentimentos por onde passasse, em especial resgatando, através do exemplo

que teve a dar, o endurecido espírito de seu pai Adamastor.

Conseguiu triunfar em sua jornada e hoje se encontra em atividades de amor no plano da verdadeira vida.

Narrando sua passagem pela crosta terrestre, com especial relevo para sua *vida em gestação*, intencionou mostrar a importância dos primeiros passos do encarnado, ainda no útero materno, bem como a repulsa que se deve ter pelo aborto, ante o valor inestimável que a vida possui.

A passagem do seu período de vida em gestação para a fase que retratou seus últimos meses de vida na Crosta teve por finalidade demonstrar que o início é tão importante quanto o fim. O renascer para a vida material é igualmente essencial quanto o partir de volta ao plano espiritual.

Os anos que ficaram sem narrativa - desde o seu nascimento até o seu desencarne - certamente foram marcantes em sua jornada, mas o objetivo da obra foi enfocar o princípio e o fim de uma trajetória de amor.

Ao longo do último capítulo, pode-se perceber, nas palavras de Caio Mário, que sua educação na senda cristã e o amparo e amor que recebeu dos pais foram determinantes para a sua tranquila passagem para a verdadeira vida.

Saber viver bem os primeiros dias no útero materno tem igual relevância que saber enfrentar, com esperança e fé, o término da caminhada.

Receber um bebê merece a mesma emoção que a partida de um encarnado. Ambos estão vivenciando suas necessárias trilhas rumo ao constante progresso espiritual. Sem nascer e sem desencarnar o Espírito não tem possibilidade de evolução, mas somente enfrentaria a estagnação.

O evoluir da Humanidade conduzirá as criaturas a ver na morte do corpo físico um renascer para outra vida, igualmente essencial e importante ao ser. A dor será substituída pela alegria e pela esperança de, no futuro, haver o

reencontro com os entes amados. A lei da reencarnação será inteiramente compreendida e aquele que hoje é criança, anos após será um idoso, tornando novamente a ser criança, confirmando o ciclo sucessivo de partidas e retornos, coroado com o progresso almejado.

Adamastor e Lúcia receberam bem o seu filho Caio Mário e com ele partilharam felizes nove meses de gestação. Souberam, ainda, com resignação, viver os últimos momentos com o filho querido, dando-lhe esperança e dele recebendo um exemplo de amor e humildade. O enfrentamento da morte deve ser sereno e confiante no renascer que está por vir.

Se momentaneamente a perda de um ser amado acarreta tristeza, esta jamais deverá transformar-se em revolta e inconformismo contra as justas leis divinas. Os pais de Caio tiveram seus instantes de sofrimento e dor, o que faz parte da natureza humana, situação compreensível no atual estágio evolutivo da Humanidade, mas souberam vencer esse estado de espírito e continuaram suas jornadas distribuindo amor e promovendo a caridade.

A mensagem desta obra visa transmitir esperança, desde o nascimento até o despertar para a verdadeira vida.

Lendo as linhas construídas por Caio Mário, o leitor certamente pode sensibilizar-se, compreendendo um pouco mais da magnitude da vida e do inesgotável e infinito amor de Deus.

Cairbar Schutel

Abel
Glaser

Minha
vida em ~
Gestação
pelo Espírito Caio Mário

O Espírito, quando está em processo de reencarnação, muitas vezes mantém a sua consciência e guarda em sua memória os momentos marcantes pelos quais passa.

Esse é um aspecto fundamental para os pais compreenderem bem o significado da formação da vida e dos atos de amor que devem transmitir aos filhos durante os nove meses de gestação.

CASA EDITORA
O CLARIM

Lançamentos oportunos,
culturais e doutrinários.

